



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE CULTURAL

GIULIANA DOS SANTOS BRUNI

**NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE ESTUDANTES:
EXISTÊNCIA SINGULAR PLURAL**

BAGÉ

2017

GIULIANA DOS SANTOS BRUNI

**NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE ESTUDANTES:
EXISTÊNCIA SINGULAR PLURAL**

Monografia de conclusão do curso de Pós-Graduação Especialização Em Educação e Diversidade Cultural da Universidade Federal do Pampa.

**Orientadora: Prof^a. Dr^a. Francéli
Brizolla**

**Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Diana Paula
Salomão de Freitas**

Bagé

2017

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

B896n Bruni, Giuliana dos Santos
Narrativas Autobiográficas de Estudantes:
Existência Singular Plural / Giuliana dos Santos
Bruni.
58 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)--
Universidade Federal do Pampa, ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO
ESTRATÉGICA EM TURISMO, 2017.
"Orientação: Francéli Brizolla".

1. autobiografia. 2. educação. 3. Diversidade Cultural.
4. identidade. 5. memória. I. Título.

GIULIANA DOS SANTOS BRUNI

NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE ESTUDANTES:

EXISTÊNCIA SINGULAR PLURAL

Monografia de Conclusão do Curso de
Pós-Graduação Especialização em
Educação e Diversidade Cultural da
Universidade Federal do Pampa.

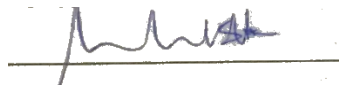
Área de Concentração: Educação

Monografia defendida e aprovada em 12 de julho de 2017

Orientadora e Banca Examinadora:



Prof^a. Dr^a. Francéli Brizolla – Universidade Federal do Pampa



Prof^a. Dr^a. Diana Paula Salomão de Freitas – Universidade Federal do Pampa



Prof.^a Dr^a Clara Dornelles – Universidade Federal do Pampa



Prof.^a Dr^a Dulce Voss – Universidade Federal do Pampa

AGRADECIMENTOS

Gratidão, primeiramente, à espiritualidade. Pelas trajetórias que tenho feito, pelas escolhas, sabedoria e intuição.

Gratidão à minha orientadora, Francéli Brizolla, pela troca e paciência, por me pegar pela mão e auxiliar no trajeto.

Gratidão à minha co-orientadora, Diana Salomão, pela sensibilidade e olhar atento, pelas sugestões e trocas. Por ser quem és.

Gratidão à minha família: Maria Eliana(mãe), Giovani(pai), Giovanna e Giselle(irmãs) e Marília(tia) pelo incentivo e apoio de sempre. Pelo olhar sensível e interessado de cada um, por tentarem entender mais sobre minhas escolhas e caminhos. Por abraçarem minhas causas e impulsionarem-me para frente.

Gratidão à Maria Yaguna, mãe do espaço Madre Terra, lugar que me inspira e acolhe. Obrigada pelo convite que fez florescer as oficinas de Escrita e a educadora que faz parte de mim.

Gratidão a todas(os) participantes das oficinas de Escrita, em especial àquelas(es) que se dedicaram aos textos desta pesquisa, que buscaram compreender a si, que tiraram amarras e revelaram um pouco dos *eus*. Vocês são singulares e me fazem acreditar cada vez mais na literatura como manifestação artística.

Gratidão às amigas e colegas de pós-graduação que levarei para a vida: Andressa Costa, pela poesia e filosofia que carrega na alma e Luana Ferreira, pelo contágio maravilhoso da espontaneidade. Obrigada por todas conversas e experiências enriquecedoras. Vocês me inspiram.

Gratidão a todos educadores do Programa de Pós-Graduação Especialização em Educação e Diversidade Cultural da Unipampa, campus Bagé, por terem proporcionado tantas trocas de conhecimento e leituras incríveis. Vocês sensibilizaram ainda mais meu olhar.

Gratidão aos livros, autoras(es), poetas, jornalistas, sociólogas(os) utilizados nesta pesquisa e para além dela. Obrigada, biblioteca infinita, por existir e me deixar encantar pela existência de tantos conhecimentos a serem descobertos.

“Enquanto busco respostas para meus anseios, encontro pessoas que são o mesmo eu. Elas tentam tatear, no claro ou no escuro, palavras certas para designar sentimentos que são comuns a todos. (...) Elas desenharam no papel, antes branco, suas imaginações fluidas, concretizam o amor à escrita. Estabelecem a linha de partida mas nunca a de chegada. A vida é uma estrada de palavras.”

Giuliana Bruni

“-Ulisses, não encontro uma resposta quando me pergunto quem sou eu. Um pouco de mim eu sei: sou aquela que tem a própria vida e também a tua, eu bebo a tua vida. Mas isso não responde quem sou eu!

-Isso não se responde, Lóri. Não se faça de tão forte perguntando a pior pergunta. Eu mesmo ainda não posso perguntar quem sou eu sem ficar perdido.”

Clarice Lispector

RESUMO

Se o papel da Educação é agregar conhecimento e trocar experiências, é preciso compreender e buscar saber quem são as(os) alunas(os) que estão na sala de aula. Além disso, para conhecer o outro é preciso buscar autoconhecimento e entender o processo oposto. Neste trabalho, busquei identificar elementos das subjetividades, identidades, memórias e diversidade cultural por meio de narrativas autobiográficas de participantes das Oficinas de Escrita Criativa de Ficção e Não-ficção que ministro no espaço Madre Terra, em Bagé – RS. Ao narrar-se, cada participante escreveu sobre a Existência Singular Plural, paradigma criado por Marie-Christine Josso. Dos textos, surgiram elementos das subjetividades que estão entrelaçados à pluralidade e à Diversidade Cultural. A pesquisa é de natureza qualitativa de nível exploratório. O tipo de pesquisa realizado empregou a pesquisa de campo e os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram os textos (produções) dos(as) alunos(as) e observação participante, registrada em diários de campo. A metodologia de análise dos dados empregada foi a Análise Textual Discursiva (ATD). Dez textos foram analisados, visto que cada estudante produziu dois: um sobre a existência singular e outro sobre a existência plural. Os participantes são estudantes e trabalhadores com idades entre 16 e 49 anos. Este movimento de reflexão para escrever um texto sobre si também teve grande importância neste processo. Percebi que as subjetividades que nos compõem são contraditórias e que o papel da educadora, enquanto ser sensível, mediadora e facilitadora, precisa ser o de saber afetar e ser afetada, entender este outro e perceber que as histórias de vida vão além das narrativas que foram escritas no papel. A multiplicidade de seres-no-mundo se dá nos menores grupos. Todos são/somos diferentes. E é este olhar que busquei desenvolver neste trabalho.

Palavras-chave: Autobiografias. Identidades. Subjetividades. Memórias. Diversidade Cultural.

ABSTRACT

If the role of Education is to aggregate knowledge and to exchange experiences, it is necessary to understand who the students in the classroom are and try to know them. Furthermore, to better know the other one must seek self-awareness, besides understanding the opposite process. In the present work, I tried to identify elements of the subjectivities, identities, memories and cultural diversity through autobiographical narratives written by the participants of the Creative Writing Workshops of Fiction and Nonfiction I have ministered at Espaço Madre Terra in Bagé. While narrating themselves, each participant wrote about the *Plural-Singular Existence*, a paradigm created by Marie-Christine Josso. Elements of the subjectivities that are intertwined with plurality and Cultural Diversity have emerged from the texts. The research is qualitative in nature at an exploratory level. The type of study carried out employed field research; and the texts (outputs) of the students, as well as notes recorded in field diaries, were used as instruments. The method of data analysis employed was Discursive Textual Analysis (DTA). Ten texts were analyzed; having each student produced two of them: one about the singular existence and another about the plural existence. The participants were students and workers aged 16-45. The act of reflection necessary for writing about oneself also had great importance in the process. I realized that the subjectivities composing us are contradictory and that the role of the educator, while sensitive being, must be to know how to affect and be affected, to understand the other and to realize that life histories go beyond the narratives written on paper. The multiplicity of beings-in-the-world occurs in the smallest groups. We are all different from each other. And it is this vision I sought to develop in the present work.

Keywords: Autobiographies. Identities. Subjectivities. Memories. Cultural Diversity.

SUMÁRIO

1. ESCRITAS DE SI E A EDUCAÇÃO.....	p. 8
2. TRAJETOS (AUTO)BIOGRÁFICOS.....	p. 15
2.1 Espelho, espelhar-se: memórias e identidades inventadas.....	p. 20
2.2 Existência singular ou <i>eu</i> singular.....	p. 21
2.3 Existência plural ou <i>eu</i> plural	p. 33
3. TRAJETOS (AUTO)BIOGRÁFICOS EM MOVIMENTO.....	p. 47
REFERÊNCIAS.....	p. 50
APÊNDICES.....	p. 52

1. **ESCRITAS DE SI E A EDUCAÇÃO**

É quando pensamos que estamos nos encaminhando para o fim de algo, que percebemos que todas as obras são inacabadas, como diria Cecília Salles no livro *Gesto Inacabado – Processo de Criação Artística*. Quero dizer que este trabalho não se encerra quando termina.

A professora Doutora Francéli Brizolla, minha orientadora, visualizou que era preciso (re)escrever a introdução. Que era preciso contar como o trajeto se deu. O trabalho inicia na primeira linha, ainda na problemática ou depois de ser lido e apresentado para a banca?

Era quarta-feira e o horário para a defesa da minha monografia estava agendado para às três da tarde. Família e amigos compareceram para assistir à minha fala. Tinha vinte minutos para explicar sobre as minhas cinquenta páginas de teorias e “loucurinhas”, como mencionei a algumas pessoas. Não se escreve ou fala assim em uma monografia, mas como fugir do que é inerente à mim e meu olhar? Como vou falar apenas em terceira pessoa se exigi que meus(minhas) alunos(as) escrevessem em primeira? Impossível fazer isso depois de descobrir que o eu e o Outro estão entrelaçados em linhas que vem e vão, conversam, convergem e divergem.

Após a fala, a professora Clara Dornelles disse que iria ler um texto que escreveu. Ela ressaltou que não costuma fazer isso quando participa de bancas de avaliação, mas neste caso acreditou ser necessário. Foi preciso conter as lágrimas, ela fez um texto que elogiava, disse que meu trabalho a reencantou, trouxe outro olhar sobre a educação e a sensibilizou. Ainda que de forma leve, trouxe alguns questionamentos e críticas: “afinal, nosso *eu* singular difere da Diversidade Cultural? O que é a Diversidade Cultural para ti?”. O texto que ela escreveu pode ser lido nos Apêndices (ver página 55).

Depois foi a vez da professora Doutora Dulce Voss explicar sua opinião. Ela também pareceu gostar, disse que fez uma leitura leve, “dessas em que a gente precisa voltar no texto para lê-lo novamente porque sentiu que precisava de mais”, falou. Dulce indicou algumas alterações, assim como Clara, que foram acatadas

neste trabalho. Em princípio as categorias escolhidas eram: *eu singular*, *eu plural* e *diversidade cultural*, mas a sugestão foi retirar o sub capítulo e categoria *diversidade cultural*, visto que ela faz parte tanto do *eu singular* quanto do *eu plural*.

Outra alteração feita após a banca foi unir a metodologia à introdução, que antes estavam separadas, iniciando, assim, o desenvolvimento do trabalho no capítulo 2.

O título, que antes era *Identidade, Memória e Diversidade Cultural por meio de narrativas autobiográficas* parecia não combinar com o conteúdo desta pesquisa. Então ele foi alterado para *Existência singular plural: narrativas autobiográficas de estudantes*.

Mais tarde, a professora doutora Francéli Brizolla foi quem falou sobre o processo de construção da minha monografia. “Quando a Giu chegou para ser minha orientanda pensei ‘que bom, mais uma orientanda’, não no sentido acumulativo, mas no sentido de mais uma aluna a orientar e fazer parte do processo. Mas começaram a surgir algumas questões em que eu e Diana aceitamos os desafios, e nos ‘segurávamos na cadeira’ quando ela enviava alguns e-mails. Primeiro perguntou se poderia escrever de uma forma mais poética. Sim, respondemos, segue em frente. Depois veio a pergunta desafiadora ‘posso escrever em primeira pessoa?’, vai fundo, Giu, respondemos. E este processo foi interessante porque não queríamos atrapalhar. Então pensávamos como influenciar o menos possível nesta escrita”.

Depois, foi a Professora Doutora Diana Salomão, minha co-orientadora quem fez algumas considerações. “As professoras da banca falaram que o trabalho e a escrita são diferentes. Daí as pessoas ficam pensando se é diferente ‘bom ou ruim’. É bom. É diferente porque teoriza sem parecer que está teorizando. Foi um desafio para nós, enquanto orientadoras”. Depois ela me entregou algumas folhas com alguns apontamentos, em que dizia: “O trabalho de orientação nunca é muito fácil. Atender às expectativas e fazer a Giu alçar vôo”. Alçar vôo. Achei inspirador. Pensava, enquanto escrevia minha monografia, que escrever em primeira pessoa seria diferente sim, mas tendo o conhecimento prévio de que muitas(os) mestras(es) e doutoras(es) já fizeram o mesmo. O que me surpreendeu foi o espaço que me foi dado para esta escrita autoral, uma busca por uma escrita autêntica que revelasse

meus modos de ver a educação, a mim enquanto educadora e compreender e co-existir junto a meus(minhas) alunos(as).

Afinal, contar a própria história por meio de narrativas literárias é uma forma do indivíduo se reconhecer, enxergar a própria trajetória e refletir sobre as próprias identidades.

Dentro do âmbito da Educação, a Diversidade Cultural é um tema que tem sido bastante debatido, mas pouco problematizado na prática. Ainda percebemos dificuldades em lidar com o diferente ou com os diferentes dentro do contexto escolar. Mas a questão a que me propus nesta pesquisa é que *todos(as) somos diferentes*, visto que cada pessoa tem uma história singular a contar. Pretendi responder como os estudantes enxergam a si enquanto sujeitos por meio de narrativas autobiográficas. Assim, foi possível perceber o quanto a educação pode acrescentar e enriquecer na constante formação dos alunos enquanto seres em constituição, assim como o quanto a escola pode dialogar e estabelecer uma troca de conhecimentos e experiências com estes alunos.

Neste contexto, as narrativas autobiográficas foram artefatos que mediarão o olhar das pessoas sobre a própria vida e a busca de narrar a si, assim como serviram de suporte e apoio para que a educadora tomasse conhecimento, em certos aspectos, de quem é esta(e) aluna(o).

A busca por relatar parte de sua história de vida, parte de seus *eus*, parte de seus gostos e desgostos pessoais; a procura por mostrar-se de maneira visceral ou esconder-se inquietamente atrás das palavras surgiram nos textos autobiográficos.

Meu interesse em relação a textos autobiográficos surgiu devido a minha proximidade e atuação com narrativas literárias não-ficcionais que venho estudando e desenvolvendo desde meu Trabalho de Conclusão de Curso, na graduação de Jornalismo, na Universidade da Região da Campanha - Urcamp, campus Bagé-RS, em que defendi o trabalho sob o título *Jornalismo Literário: como as revistas Piauí, Rolling Stone e Trip produzem a Literatura de Não-Ficção*. Na pesquisa, analisei

reportagens das revistas jornalísticas comparando às teorias da Estrela de Sete Pontas¹ do jornalista e escritor Felipe Pena.

Além da proximidade e identificação com o tema, a imprensa ainda reproduz poucas histórias de vida, com exceção de sites de notícia voltados a conteúdos de cultura ou outras produções independentes.

Tanto na imprensa quanto na educação, o ato de ouvir ou ler histórias de vida é de extrema importância. No jornal ou na revista, por exemplo, além de sentirmos empatia, descobrimos trajetórias de luta, de resistência, de dedicação, assim como podemos descobrir histórias de dor, de crimes, de desesperança. Saber sobre o caminho de outro(a) é saber-se também. No jornalismo, o papel humanizador da(o) profissional é de escutar, estar atenta, reportar, estar e ser com o(a) personagem real. Na escola, este papel é conferido ao(à) professor(a). Estar atenta com quem estamos partilhando e construindo conhecimento é essencial para a saúde da educação. Conhecer o(a) aluno(a) pode agregar ainda mais no processo de ensino-aprendizagem. Neste trajeto de ler e reler narrativas autobiográficas surgiram teorias e discussões acerca das identidades, subjetividades, memórias e elementos da diversidade cultural.

Em 2015 recebi o convite da professora Doutora Clara Dornelles para participar do projeto de extensão Laboratório de Escrita e Produção Textual (LAB – PROEXT MEC). Neste período ministrei as primeiras oficinas de Jornalismo Literário, em que apresentei conceitos e propus atividades práticas para os bolsistas do Lab. A partir deste momento, iniciei o trajeto como educadora, ainda que sem perceber.

Nas oficinas de Escrita Criativa de Ficção e Não-Ficção que ministro no espaço de educação não-formal Madre Terra, desde julho de 2016, um dos temas abordados é a Literatura de Não-Ficção. Nestes encontros, estudamos sobre jornalismo literário, jornalismo gonzo, perfil e autobiografia.

Busquei perceber como a Existência Singular Plural² e a Diversidade Cultural se manifestaram nas produções dos participantes. Para isso, analisei os textos

¹ A Estrela de Sete Pontas se refere a uma teoria em que é preciso atender a sete questões para que uma reportagem tenha profundidade e coerência dentro do gênero Jornalismo Literário.

produzidos pelos participantes da oficina, estudantes e profissionais com idades entre 16 e 49 anos.

A partir das narrativas de si, analisei como os estudantes contaram o próprio relato de vida e a busca de si. Posteriormente, identifiquei elementos que revelaram parte das subjetividades, identidades, memórias e Diversidade Cultural.

O trabalho é de natureza qualitativa de nível exploratório, visto que, como pesquisadora, me aproximei do tema de pesquisa no que se refere a autobiografia, diversidade cultural, subjetividade, identidade e memória. De acordo com Suely Deslandes, a exploratória compreende várias fases para construir uma trajetória de investigação, como “escolha do tópico de investigação, delimitação do problema, definição do objeto e dos objetivos, construção do marco teórico conceitual, escolha dos instrumentos de coleta de dados, exploração de campo” (DESLANDES, 1994, p. 31).

Gil (2008) explica também que a fase exploratória da pesquisa “habitualmente envolve levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas, estudos de caso” (Gil, 2008, p. 27).

O tipo de pesquisa realizado empregou a pesquisa de campo, visto que coletei textos produzidos pelos participantes das oficinas de Escrita para analisar o conteúdo. Otávio Cruz Neto, com base em Minayo (1992), explica que o trabalho de campo é um recorte espacial e se refere a grupos convivendo em uma dinâmica de interação social. “Essas pessoas e esses grupos são sujeitos de uma determinada história a ser investigada, sendo necessária uma construção teórica para transformá-los em objetos de estudo” (NETO, 1994, p. 54).

Os instrumentos de coleta e análise dos dados da pesquisa foram os textos dos(as) participantes (produções) e observação participante, registrada em diário de campo. Depois que a proposta foi apresentada durante as aulas, os alunos que quiseram participar da pesquisa entregaram as narrativas.

² Existência singular plural se refere a um paradigma criado por Marie-Christine Josso que se refere a uma existência singular referente à subjetividade de cada indivíduo e a pluralidade se refere à relação deste indivíduo com a coletividade, se trata de quem ele é na sociedade assim como os papéis sociais que representa.

Para Neto (1994), a técnica da observação participante é realizada por meio do contato direto com os atores sociais e/ou objetos de estudo e, a pesquisadora estabelece assim, uma relação face a face com estes atores. No caso das aulas de Escrita, foi possível estar presente e observar os processos individuais de criação do texto, assim como perceber como os alunos desenvolvem a escrita de si, estabelecendo, também, uma relação de troca.

A importância desta técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real. (NETO, 1994, p. 60)

A metodologia de análise dos dados empregada foi a Análise Textual Discursiva (ATD). De acordo com Moraes e Galiazzi (2006), este tipo de análise é um processo em que os textos são separados em unidades de significado, que agrupadas por semelhanças de sentido, constituem categorias, que serão desenvolvidas e teorizadas com apoio de interlocução empírica e teórica. As unidades geram outros conjuntos de unidades advindas da interlocução empírica, teóricas e das interpretações feitas pela pesquisadora.

Neste movimento de interpretação do significado atribuído pelo autor exercita-se a apropriação das palavras de outras vozes para compreender melhor o texto. Depois da realização desta unitarização, (...) passa-se a fazer a articulação de significados semelhantes em um processo denominado de categorização. Neste processo reúnem-se as unidades de significado semelhantes, podendo gerar vários níveis de categorias de análise. (...) Este processo todo gera meta-textos analíticos que irão compor os textos interpretativos (MORAES, GALIAZZI, 2006, p. 118).

Depois de receber os textos em que foi pedido que os participantes narrassem sobre si e escolhessem algumas vivências, realizei a Análise Textual Discursiva elencando três categorias: existência singular, existência plural e diversidade cultural. A divisão dos elementos que se “encaixariam” em cada categoria se deu pela marcação de frases e/ou trechos dos textos. Algumas frases se mesclam, fazem parte do *eu singular* e *eu plural*, por exemplo. Em outros casos trechos se referem a uma existência plural e à diversidade cultural.

Na primeira parte, *Trajetos (auto)biográficos*, falo um pouco da minha trajetória enquanto educadora em um espaço de educação não-formal, questionamentos e problematizações acerca da educação e escritas autobiográficas. Esta parte é constituída por 3 capítulos: *Espelho, espelhar-se: memórias e identidades inventadas*, *Existência singular ou eu singular* e *Existência Plural ou eu-plural*. Em cada capítulo relacionei os textos dos participantes com teorias e conceitos das(os) autoras(es) utilizadas(os) nesta pesquisa com percepções e conceitos meus, criando metatextos que se inter-relacionam. Na segunda parte, constituída pelo quarto capítulo, *Trajetos (auto)biográficos em movimento* - que pode ser lido como considerações finais - trago o entrelaçamento entre os três metatextos e outras aprendizagens desta pesquisa.

2. TRAJETOS (AUTO)BIOGRÁFICOS

“De quê é feito um texto? Fragmentos originais, reuniões singulares, referências, acidentes, reminiscências, empréstimos voluntários. De que é feita uma pessoa? Pedacos de identificação, imagens incorporadas, traços de caracteres assimilados, o todo (se se pode dizer assim) formando uma ficção chamada eu”.

M. Schneider.

Somos corpos-fragmentos de memórias, de alegrias, de melancolias, de saudades, de novidades, de caminhos, tropeços, dores. Temos tatuado no nosso corpo mensagens e sensações que a cor, cicatriz ou tatuagem não traduzem. Temos invólucros e máscaras, por pouco tempo. Somos algo dentro, algo fora, algo meio termo que não se define. Personalidade existe? Definir-se é pobreza de espírito(?). Estamos sendo e fazendo na fluidez das coisas. Quem sou, quem é você, quem somos nós? Nunca chegamos a uma resposta que resulte em um esvaziamento da questão. Educar e ser educada, caminhar em mãos duplas. Quem é a professora em um espaço não-formal? Quem são as(os) participantes ou alunas(os) de oficinas de Escrita Criativa de Ficção e Não-Ficção? Como se narram, como inventam a si? Nestas escritas surgem memórias, subjetividades, identidades e diversidade cultural.

Por meio de narrativas autobiográficas surgem identidades que se definem por meio da memória. Entre estas memórias surgem as diferenças, a cultura, os nomes e não-nomes que damos às coisas. Da infância, buscaram cheiros, cores, texturas, sabores, sensações, brincadeiras. Do aqui-agora-instante que flui e passa, buscaram explicar quem elas(es) são e situações que já vivenciaram.

-É difícil escrever sobre mim mesmo, sabe, eu tentei mas nunca fiz algo parecido com isso antes. Acho que vou desistir, tudo bem? – disse um dos alunos que preferiu não ter o texto autobiográfico como parte integrante desta pesquisa. Logo ele, que tem uma escrita poética capaz de nos transportar a outras paisagens em segundos.

-Tudo bem, não precisa. –respondi, um tanto decepcionada, outro tanto compreensível.

Saí do Madre Terra pensando que ainda havia textos a serem recebidos. O Madre Terra é um espaço Terapêutico e de Artes. O prédio de três andares é aconchegante nas cores e formas, nas texturas, frases e ideias que surgem logo que adentramos o local. O espaço Madre Terra é meu lugar de refúgio e trabalho. É onde, há um ano, ministro as oficinas de Escrita Criativa de Ficção e Não-Ficção.

Foi lá que me descobri educadora e passei a reafirmar o que já havia percebido: os espaços de educação não formal³ são necessários ao pleno desenvolvimento da criatividade das pessoas.

As mandalas coloridas enfeitam as paredes, as escadas são floridas... tem espaços para meditação e yoga, para as aulas de teatro, biodança e terapia. E tem também a sala das aulas de Escrita e de Artes. Na porta um artefato de coruja me recebe com grandes olhos verdes. Na pequena sala, uma janela dá vista para árvores e gatos passeadores, que surgem no meio da tarde para espiar poesias. Dá para enxergar também a árvore frutífera do vizinho e uma pequena parte da parede de sua casa.



Foto 1: Vista da sala de Escrita do espaço Madre Terra: gato *passeadeiro* e árvores frutíferas.

³ De acordo com Moacir Gadotti “o conceito de educação sustentado pela Convenção dos Direitos da Infância ultrapassa os limites do ensino escolar formal e engloba as experiências de vida, e os processos de aprendizagem não-formais, que desenvolvem a autonomia da criança. (...)A educação não-formal é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Os programas de educação não-formal não precisam necessariamente seguir um sistema seqüencial e hierárquico de ‘progressão’. Podem ter duração variável, e podem, ou não, conceder certificados de aprendizagem.” (GADOTTI, 2005, p. 2)



Foto 2: Sala de Escrita Criativa em um encontro sobre poesia.

Nesta sala compartilho conhecimentos, instigo a criatividade... é nas atividades práticas que eles escrevem. Escrevem ficções e não-ficções, escrevem sobre personagens, lugares, mundos imaginários. Eles escrevem também sobre si, ficcionalizam realidades. Eles têm sempre muito a relatar. Nestas aulas falamos sobre processos criativos e elementos que compõem o conto, poesia, prosa, prosa poética, crônica, perfil, metaficção e autoficção. Mas creio que a autobiografia chegou como surpresa. De mansinho, ela adentrou a sala em um sábado à tarde.

Marie-Christine Josso chegou, simpática e enfática, explicando sobre o paradigma da *existência singular plural*:

- Abordar o conhecimento de si mesmo pelo viés das transformações do ser – sujeito vivente e conhecente no tempo de uma vida, através das atividades, dos contextos de vida, dos encontros, acontecimentos de sua vida pessoal e social e das situações que ele considera formadoras e muitas vezes fundadoras, é conceber a construção da identidade, ponta do *iceberg* da existencialidade, como um conjunto complexo de componentes.⁴

Todos a olharam, refletiram um pouco. Então ela continuou:

⁴ JOSO, 2007, p. 420.

- É preciso poder imaginar ser – e tornar-se efetivamente –, tanto único porque singular como reconhecível porque socialmente identificável.⁵

Alguns silenciaram, outros falaram, outros, ainda, questionaram.

- É para falar sobre mim, assim, qualquer coisa? Que estilo de texto? – perguntou uma das participantes.

- Eu posso escrever em casa? – outro aluno questionou - Vou me sentir mais à vontade.

Todos concordaram. Ali decidimos que todos(as) escreveriam seus textos autobiográficos no silêncio do próprio lar.

Depois, Marie-Christine me chamou para uma conversa informal, na sala ao lado. Pediu que eu me sentasse e escutasse atentamente. Entre as teorias e conceitos falou sobre inventar um *si autêntico*:

- A invenção de si pressupõe imaginável e possível um projeto de si, o que implica conquista progressiva e sempre em vir-a-ser de uma autonomia de ação, de uma autonomia de pensamento, de uma autonomia em nossas escolhas de vida e em nosso modo de vida. (...) a invenção de si pode tornar-se uma das formas tomadas pela posição existencial da intencionalidade, que se desdobra no cotidiano e não somente em situações ou contextos particulares. Ela diz respeito a todas as esferas de nossa existência, desde as roupas que escolhemos usar até os pratos que inventamos, passando pela organização de nosso horário de férias e a escolha do lugar, a escolha de nossas leituras, dos filmes, das exposições, etc.. Todas essas pequenas liberdades que se inscrevem certamente em pressões subjacentes como as finanças à disposição, as negociações familiares, as ofertas de alojamento, de lazer, de atividades culturais são igualmente marcadores da invenção de si no singular plural.⁶

Sem ter muito o que falar, concordei com ela e saímos. Fiquei matutando na cabeça sobre a *existência singular plural* e sobre *inventar um si autêntico*. Lembrei, então, que ela falou ainda mais sobre questões da individualidade. Algo como a individualidade que se perde no todo. No status, nas classes, nos gêneros, nas

⁵ JOSSO, 2007, p. 434.

⁶ JOSSO, 2007, p. 436.

caixas que tentam nos enquadrar. Não que a individualidade se perca, mas não damos tanta atenção para ela. Ela disse:

- A identidade individual é, pois, definida a partir de características sociais, culturais, políticas, econômicas, religiosas, em termos de reprodução sociofamiliar e socioeducativa. Mas a questão de compreender a variabilidade no interior desses modelos jamais é abordada e, menos abordada ainda, a maneira pela qual as individualidades vivem do interior esses status, essas rotulações diversas e esses comportamentos conformistas. Nesse tipo de análise, a existencialidade é totalmente ignorada em sua mobilidade e vitalidade, assim como as potencialidades de uma invenção de si, em ruptura e ao mesmo tempo em ligação com o contexto socio-histórico, as heranças socioculturais do fazer, do pensar, do sentir, do agir, do comunicar, etc..⁷

Depois, lembrei de já ter lido Lejeune e Sibília e, nestes textos, eles falaram sobre autobiografia. Foi então que telefonei para um dos autores de um artigo sobre narrativas de *ficção do eu* que explicou sobre a conceituação de uma obra autobiográfica:

-Podemos entender a partir da conceituação de Lejeune e Sibília que (...) numa perspectiva mais geral no que se refere à escrita íntima, traz este enlaçamento entre autor, narrador e personagem (protagonista do enredo). Esta condição de identidade traz um estabelecimento de vozes ao longo da narrativa e irá constituir uma narrativa retrospectiva do que é vivido, experimentado, observado; temos a sua história individual que se passa num período e num lugar e comunga de aspectos sócio-culturais que serão elos formadores evocativos da realidade social vivenciada e deflagrada na construção da sua escrita íntima assim como das *ficções do eu*.⁸

Desliguei o telefone e relembrei várias conversas e trocas de ideias com os alunos das oficinas. Ao longo da semana, eles entregaram os textos que se referiam

⁷ JOSSO, 2007, p. 417.

⁸ ESTEVES, MANHÃES e MARTINS, p. 85. Trecho retirado do artigo: Uma reflexão sobre a escrita íntima e as narrativas de *ficções do eu* em Comer, rezar e amar, de Elizabeth Gilbert.

à existência singular-plural. Todos os alunos pediram que seus nomes não fossem revelados na pesquisa.⁹

Conversei com minha orientadora, Francéli e com minha co-orientadora, Diana, que responderam a muitas dúvidas. Não sabia por onde começar. Analisar textos autobiográficos parece simples, até eu ter os quase dez textos em mãos e perceber a complexidade das narrativas, das subjetividades que compõem cada um e o quão a educação tem a contribuir mas ainda está longe de compreender o sujeito de forma individual.

Resolvi então iniciar minha escrita. Sentei em frente ao computador, com livros, cadernos, muitos arquivos salvos em pdf e uma xícara de café.

“Espelho, espelhar-se: memórias e identidades inventadas”, escrevi.

3.1 Espelho, espelhar-se : memórias e identidades inventadas

"Quando me surpreendo ao fundo do espelho assusto-me. Mal posso acreditar que tenho limites, que sou recortada e definida. Sinto-me espalhada no ar, pensando dentro das criaturas, vivendo nas coisas além de mim mesma. Quando me surpreendo ao espelho não me assusto porque me ache feia ou bonita. É que me descubro de outra qualidade. Depois de não me ver há muito quase esqueço que sou humana, esqueço meu passado e sou com a mesma libertação de fim e de consciência quanto uma coisa apenas viva. Também me surpreende, os olhos abertos para o espelho pálido, de que haja tanta coisa em mim além do conhecido, tanta coisa sempre silenciosa."

Clarice Lispector.

Estar diante de um espelho nem sempre é fácil: o quê/quem vemos? Vemos a nós, de forma real ou projetamos sobre nossa imagem quem pensamos ser? O espelho reflete a verdade, delata a mentira ou faz parte do imaginário de um Narciso¹⁰ ainda tão atual? E quanto a olhar para si? Será que não é preciso persistência e coragem para olhar-se demoradamente e, posteriormente, olhar o(a) outro(a)? Quando falamos de nós não estaríamos falando de outros, tanto quanto

⁹ Por este motivo, utilizo, adiante, nomes fictícios para os participantes.

¹⁰ Na mitologia grega, Narciso era um jovem muito belo, filho do deus-rio Cephisus e da ninfa Liriope. Ao se inclinar para beber água da fonte, Narciso viu a própria imagem refletida e encantou-se. Assim, Narciso apaixonou-se pela imagem refletida no espelho das águas.

temos histórias tão raras que são apenas nossas? Quantas cicatrizes, desenhos e poesias um corpo carrega? Nossas linhas de tempo da vida não têm volta: como nos narramos?

A personagem Joana, do livro *Perto do Coração Selvagem*, de Clarice Lispector me conta, quando a leio, que se surpreende que haja tanta coisa nela além do conhecido, tanta coisa sempre silenciosa.

Será que Joana já escreveu diários, já contou histórias sobre si para si mesma? Será que já parou para refletir sobre a própria vida? Ou Joana se surpreende exatamente porque em determinado momento da vida realmente se olhou e enxergou além dos invólucros que ela mesma e outros a deram?

É nesta ação de escrever sobre si que o sujeito reflete sobre a própria trajetória de vida: pessoal, profissional, acadêmica, etc. Escrever sobre si reflete em redescobrir e acessar novamente memórias. As memórias relatadas em forma de texto constituem o sujeito que narra. Assim, alguns aspectos da identidade surgem ao longo da narrativa. E é por meio dos textos autobiográficos dos participantes das oficinas de Escrita Criativa que emergiram questões de identidades, memórias e diversidade.

3.2 Existência singular ou *eu* singular

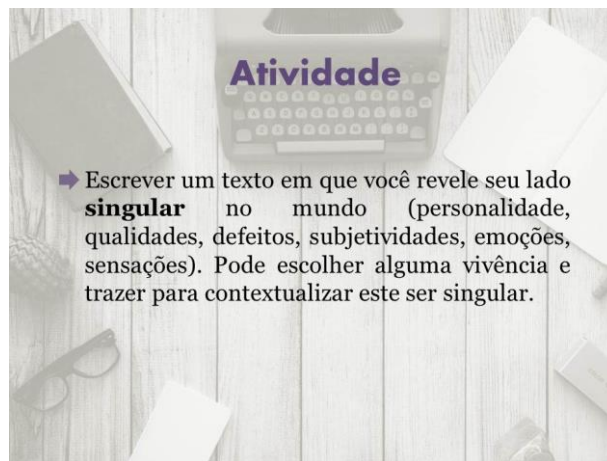
A existência singular plural surge nas teorias de Marie-Christine Josso. Nesta pesquisa, os participantes escreveram um ou dois textos, de acordo com a escolha de cada um, em que revelam subjetividades do eu singular e do eu plural. Dentro destas narrativas, emergiram também elementos da Diversidade Cultural.

Esta pesquisa buscou não especificar apenas “uma identidade” de cada sujeito, mas cada um escolheu o que considerava mais importante de ser narrado: Quem eu sou na singularidade? Quem eu sou na pluralidade?

A partir do momento que eu conheço o outro, que conheço suas dores, seus gostos, alegrias, trajetos de vida... posso pensar e repensar as relações pedagógicas, o modo como posso tocá-lo com conhecimentos – que podem ser traçados das mais variadas metodologias e formas.

Este outro é a(o) aluna(o), neste caso, participante das oficinas de Escrita Criativa de Ficção e Não-ficção. Elas(es) buscam expressar, na folha, o que na conversa não surge. São histórias, por vezes intimistas, por vezes superficiais. Há os que se entregaram, tiraram máscaras e revelaram suas fragilidades. Há aqueles que se esconderam atrás das palavras. Mas o não-dito também revela. O silêncio tem o poder de comunicar. Se na convivência nos conhecemos pouco, pelas narrativas pude conhecer “um pouco mais”.

Ao falar sobre a proposta de escrever um texto sobre a existência singular foi apresentado o seguinte slide:



É importante ressaltar o conceito de subjetividade, presente em Woodward, a que este trabalho se refere, já que identidade e subjetividade estão sobrepostas mas não são sinônimas uma da outra.

“Subjetividade” sugere a compreensão que temos sobre o nosso eu. O termo envolve os pensamentos e as emoções conscientes e inconscientes que substituem nossas concepções sobre “quem nós somos”. A subjetividade envolve nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais. Entretanto, nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade. Quaisquer que sejam os conjuntos de significados construídos pelos discursos, eles só podem ser eficazes se eles nos recrutam como sujeitos. Os sujeitos são, assim, sujeitados ao discurso e devem, eles próprios, assumi-lo como indivíduos que, dessa forma, se posicionam a si próprios. As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades. (WOODWARD, 2014, p.55-56)

De todo o texto, fragmentos revelaram o eu-singular de Carlos¹¹. O menino de 17 anos, estudante do ensino médio, gosta de escrever e sofre de ansiedade. Na escrita autobiográfica ele mostrou um lado mais sensível. Este é um momento, uma fase que ele atravessa, e decidiu revelar na narrativa:

Eu sou tímido, ansioso, criativo, inseguro, discreto, pensativo, nem tão sociável nem tão anti-social, levemente triste e sem graça. (...)péssimo demonstrador de emoções.(...)Levemente triste talvez porque sou sensível demais.(...)tenho ansiedade, costumo chorar bastante por coisas simples. (...)Falar em público também é um problema pra mim. (...)Desmaiar geralmente acontece quando fico muito nervoso. (...)tenho Síndrome do Pânico.(...)Ultimamente tenho me perguntado muito: como me sinto hoje? e a resposta mais recorrente tem sido VULNERÁVEL.

Observando, lendo e relendo o texto de Carlos, me vi em muitos adjetivos. Percebi que a linha que separa meu *eu* de outro *eu* é tênue. Este eu singular se relaciona com outros eus singulares, apesar de cada um ter as próprias subjetividades inerentes a si.

Aproximar-se de si por meio da escrita é uma forma de ver-se diferente. É um encontro com o espelho. Vejo o real? Ou relato o que vejo? Na narrativa, Carlos contou o que viu, como se vê, como se inventa.

O relato do estudante provocou mais sensibilidade no meu olhar de educadora. Emergem então mais dúvidas que soluções. Estas questões são sobre as relações: como me relaciono e como troco conhecimentos quando sei o que afeta este outro?

As teorias de Tomaz Tadeu da Silva e Kathryn Woodward, assim como de Stuart Hall trazem a Identidade e a Diferença como ponto problematizador de diversas questões, principalmente no que se refere à educação. Tomás Tadeu da Silva defende que “(...)a identidade e a diferença são o resultado de um processo de produção simbólica e discursiva” (SILVA, 2014, p. 81).

Quando Carlos diz “sou tímido” ele nega ser extrovertido, assim nega o oposto de todos outros adjetivos a que ele referenciou. Assim,

¹¹ Nome fictício de um dos estudantes.

Na medida em que são definidas, em parte, por meio da linguagem, a identidade e a diferença não podem deixar de ser marcadas, também, pela indeterminação e pela instabilidade. (IBIDEM, p.80)

Carlos contou também que sente ansiedade e medos e se refere à Síndrome do Pânico. Aqui ele marca uma “diferença” em relação à saúde, pois deixa de estar em contato com outras pessoas e lugares devido aos receios. Estes sentimentos marcam diferenças, mas estas “diferenças” só são marcadas porque são comparadas ao que é considerado “normal”.

A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é “natural”, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como *uma* identidade, mas como simplesmente *a* identidade. (IBIDEM, p.83)

Carlos é diferente como todos são/somos. A diversidade perpassa todos, sem deixar ninguém escapar. Se por um lado ele faz parte de uma maioria masculina e branca, por outro ele tem questões singulares que marcam um momento da vida. Ele tem diferenças que também excluem e ferem. Ele não pode ser visto com os rótulos que se costuma colocar em embalagens, mas como alguém único nas singularidades e peculiaridades. Alguém que aprende e ensina no espaço de educação não-formal.

Outro texto escrito por uma participante das oficinas é da Ana Beatriz¹². A escrita se mostrou curta e objetiva, mas entre os não-ditos, Beatriz se revelou um pouco. Ana Beatriz tem cerca de 50 anos e acredita que “várias fazem parte dela”.

Sou forte e, às vezes, frágil mas determinada, sempre. (...) Vou atrás de meus objetivos, ainda que com medos e inseguranças.(...) Por vezes me sinto solitária nessa sociedade de massa em que todos devem seguir o mesmo caminho e as mesmas prioridades.(...)procuro aquilo que em mim é essencial. (...)Sou vibrante, introspectiva, triste,

¹² Nome fictício da participante das oficinas.

alegre, ou seja, tenho várias em mim.(...)Gosto de escrever.

Olhar-se e definir-se requer que procuremos adjetivos – bons e ruins – para explicar quem somos. Mas como escrever em um texto quem realmente pensamos que somos?

Ana Beatriz acredita ser forte e ao mesmo tempo frágil, perseverante, ainda que insegura, triste e alegre e, enfim, diz ter várias fazendo parte de seu ser. A contradição se faz presente, já que ser paradoxal é humanamente possível e, ainda: muito comum. Woodward defende que “a subjetividade inclui as dimensões inconscientes do eu, o que implica a existência de contradições” (2014, p. 56).

Outra questão que se destacou na escrita de Ana foi a crença na essência. Onde ela diz “procuro aquilo que em mim é essencial”, revela uma busca anterior ao texto pelo autoconhecimento, assim como crê em um âmago natural, essencial, que ela precisa e/ou quer descobrir.

Podemos afirmar que, assim como defende Tomaz Tadeu da Silva, a identidade não é fixa e sim fluida e é por entre o meio fio desta fluidez de ser-não-ser que Ana Beatriz se encontra.

(...) a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. (SILVA, 2014, p. 96)

É preciso lembrar que as discussões sobre identidades essencialistas e não essencialistas vão para além deste trabalho. Kathryn Woodward discute sobre o tema ao exemplificar a identidade dos sérvios. Ela defende que uma definição essencialista “sugeriria que existe um conjunto cristalino, autêntico, de características que todos os sérvios partilham e que não se altera ao longo do tempo” (2014, p. 12). Já a definição não essencialista de identidade “focalizaria as diferenças, assim como as características comuns ou partilhadas, tanto entre os próprios sérvios quanto entre os sérvios e outros grupos étnicos” (2014, p.12).

Ainda sobre a narrativa de Ana: apesar de fazermos parte de uma sociedade plural, percebemos tentativas de homogeneizar as diferenças. O trecho “por vezes me sinto solitária nessa sociedade de massa em que todos devem seguir o mesmo caminho e as mesmas prioridades” revela a sensação de Ana. O que Ana busca é se autoconhecer e optar por caminhos que a satisfaçam, e não trajetos já percorridos por outrem apenas por fazer parte da “normalidade”.

Outro participante das oficinas é Lucas¹³. Ele tem pouco mais de 20 anos e é estudante de cinema. No texto, ele revelou um lado mais intenso e amoroso, de quem vive para o momento presente.

(...) sou alguém que é tímido, muito, quando envolve lidar com grupos, porém perco a timidez quando a relação é direta e interpessoal, em momentos íntimos sou capaz de me despir, corpo e alma, a relação que tento manter com o outro sempre busco ser de forma sincera e inspiradora. (...) gosto de falar de alucinações e sonhos e de ouvir também. (...) extremamente preguiçoso. (...) muito autocrítico. (...) Definitivamente impulsivo mas ainda assim controlado, contraditório, que busca se cercar das pessoas que ama, e ama muito/as, mas também precisa desesperadamente de momentos de isolamento, seguido por crises, recomeços e redefinições. (...) alguém líquido com suas decisões. (...) me formei na relação com o outro, e de ardores e cicatrizes fui me completando, amante com intensidade, mas também amador. (...) impulsivo, e um detalhe extra, extremamente ciumento.

Fazendo analogia aos romances de ficção, Lucas tem um quê de personagem romântico e um quê de anti herói. A complexidade da singularidade de Lucas faz pensar, novamente, o quão somos muitas pessoas em uma só. Lucas se narra tímido, mas é capaz de revelar-se outro nas relações, é preguiçoso e autocrítico ao mesmo tempo, impulsivo mas controlado, daí Lucas chega à palavra “contraditório”. Novamente a contradição se faz presente nas escritas autobiográficas. Como no trecho citado acima, “a identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas” (SILVA, 2014, p. 96).

Lucas revela gostar de “falar de alucinações e sonhos e de ouvir também”. É sempre complicado falar de questões místicas dentro da academia. Pode soar insano. Mas este trabalho busca também quebrar com a ideia de normalidade, de cientificidade extrema. E, se na singularidade, meu aluno gosta de conversar sobre

¹³ Nome fictício para o participante da oficina.

estes temas, eu, como educadora, posso buscar saber mais sobre suas fontes, seus interesses e, se para mim, estas questões fizerem sentido, posso dialogar com ele sobre.

Outra questão que o estudante aborda é sobre gostar de ter amigos por perto mas necessitar de momentos de isolamento. E é quando ele diz “me formei na relação com o outro, e de ardores e cicatrizes fui me completando, amante com intensidade, mas também amador”, é que dialogamos com Mikhail Bakhtin que diz:

Na vida, fazemos isso a cada passo: nós nos apreciamos a nós mesmos do ponto de vista dos outros, tentamos compreender os momentos transgredientes à nossa própria consciência e considerá-los por meio do outro(...); numa palavra: constante e intensamente, vigiamos e capturamos os reflexos de nossa vida no plano da consciência dos outros homens. (BAKHTIN *apud* SAMOYAUULT, 2008, p.20)

Assim como afirma Bakhtin, Tiphaine Samoyault também defende que “uma pessoa se constitui numa relação muito ampla com o outro” (2008, p.42).

Lucas se considera “alguém líquido com suas decisões”. Ele revela, aqui, um reflexo da pós-modernidade, encarado pelo viés do sociólogo Zygmunt Bauman como modernidade líquida.

Tudo é temporário. É por isso que sugeri a metáfora da "liquidez" para caracterizar o estado da sociedade moderna, que, como os líquidos, se caracteriza por uma incapacidade de manter a forma. Nossas instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades "auto-evidentes". É verdade que a vida moderna foi desde o início "desenraizadora" e "derretia os sólidos e profanava os sagrados", como os jovens Marx e Engels notaram. Mas, enquanto no passado isso se fazia para ser novamente "reenraizado", agora as coisas todas - empregos, relacionamentos, *know-hows*, etc.- tendem a permanecer em fluxo, voláteis, desreguladas, flexíveis. (BAUMAN, Folha de São Paulo, 2003)

Bauman (1999) também fala da globalização, em que é possível estarmos em diversos espaços-tempos ao mesmo tempo, devido à internet, e que a globalização une mas segrega, já que tudo depende também do consumismo e do capital.

E já que o assunto é internet, Lorena resolveu contar um pouco de si na rede social *Facebook*. Ela fragmentou situações e contou em forma de histórias, revelando um pouco de si. Quando recebeu a proposta, durante a oficina de Escrita, para contar sobre quem ela é, Lorena optou por entregar estas narrativas mais lúdicas. A participante é advogada e tem pouco mais de 40 anos de idade.

Era uma vez uma bruxa... Ela não caminha deslizando como se flutuasse delicadamente. Também não é meiga, nem doce e tampouco muito compreensiva. É capaz de afrontar quem quer que seja, ainda que tenha um bom coração. Tem a consistência do peso de suas decisões, vontade própria e nenhum problema em demonstrá-la.

Contudo, o que caracteriza uma bruxa de verdade, é a escolha tomada diante da realidade: ela não se deixa conduzir como uma princesa, toma as rédeas da sua vida e planta bem seus pés no chão. E veja bem, não há nada que impeça uma princesa de se tornar uma bruxa. Isso, aliás, acontece o tempo todo. Já o contrário, é impossível. A escolha pela liberdade é irreversível.

Ao se considerar uma *bruxa*, Lorena nega ser *uma princesa*, como o texto revela. Mais uma vez falo sobre Identidade e Diferença. A escolha dela por “tomar as rédeas da própria vida” revela que ela considera-se esta personagem (bruxa), ainda presente no imaginário coletivo como alguém “ruim ou má”. Mas existem leituras e teóricas que olham para as bruxas com olhar positivo. Cair novamente nas questões místicas não é trabalho da academia, mas emergiu na narrativa da participante. Lorena quer dizer, por meio da narrativa autobiográfica, que é alguém que não tem medo de enfrentar o que outras pessoas pensam ou julgam, pois “tem a consistência do peso de suas decisões, vontade própria e nenhum problema em demonstrá-la”. Ela se mostra forte e persistente quando revela que “toma as rédeas da sua vida e planta bem seus pés no chão”.

Ela deixa claro que esta escolha por ser bruxa exige coragem e força. Entram então as questões acerca da Diversidade Cultural. Para ser o contrário do que esperam de mim preciso ter coragem e iniciativa e o ponto é que, no fundo, sou diferente do que esperam de mim e se sou diferente preciso enfrentar questões de preconceito, de tentativa de silenciamento(s), de tentarem “controlar” minhas ações. Escrevo em primeira pessoa pois meu *eu* e o *eu* dela estão entrelaçados nesta busca por liberdade, afinal “a escolha pela liberdade é irreversível”, como Lorena defende ao final do texto. Ao primeiro olhar, a frase parece simples. Mas é só dar uma segunda olhada atenta para perceber do que se trata. Enquanto compara

atitudes de bruxas à atitudes de princesa, Lorena se refere a si mesma como uma bruxa. Quando Lorena se referiu à liberdade, quis ressaltar sobre a importância que algumas atitudes têm na sua vida. Tomar decisões, escolher caminhos, confrontar outras pessoas quando acha necessário, demonstrar opinião, entre outras questões fazem parte de elementos que representam, para ela, liberdade. Assim, liberdade faz parte tanto do *eu* singular quanto do *eu* plural visto que, em muitos casos, pessoas não “tomam as rédeas da sua vida nem plantam os pés no chão” e vivem situações precárias tanto profissionalmente quanto na vida particular. Ela se refere à liberdade como um ato político, como uma decisão que leva para a vida e isso faz dela alguém diferente, mesmo que existam outras tantas Lorenas.

Theodoro¹⁴ é o quinto participante das oficinas que revelou um pouco de si na narrativa autobiográfica. Theo é complexo, cheio de histórias por trás dos olhos silenciosos. Ele é estudante de jornalismo e tem 23 anos.

Bem, é difícil falar de si próprio. Principalmente quando se está em constante mudança. (...) Ainda que não se mostre este “eu profundo” – ou definido como for – em todos os momentos, ele está lá, inalterado em sua substância. (...) Eu era uma criança “espoleta”, curiosa, saltitante. (...) Meu ensino médio foi uma montanha russa, entre altos e baixos. No primeiro ano, algo inédito, eu era popular. No segundo ano, evadi por depressão. No terceiro, ano por TOC. (...) Na pluralidade sou quieto, ansioso, tedioso, reflexivo, introvertido. (...) E, ao falar, sou inseguro. (...) Na família, por hábito e por criação, sou também quieto, pela diferença gritante que há entre o que enxergam de mim e como, no fundo sou. (...) há certas qualidades que as pessoas têm de mim, portanto que fazem parte de meu eu plural (tal qual do singular) que independem de mim para serem. São estas a sensibilidade, a sutileza do discurso, a inteligência, a (às vezes oculta) meiguice. E outros, de ordem mais indefiníveis, como a agudeza do juízo, alguma graça natural, uma profundidade de conhecimento que se torna, já, sabedoria.

Quando Theodoro diz que está em constante mudança mas fala de um “eu profundo - ou definido como for – em todos os momentos, ele está lá, inalterado em sua substância” revela acreditar em uma essência da identidade ao mesmo tempo que percebe a fluidez das mudanças.

Theo se refere à infância e escreve que era “uma criança espoleta, curiosa, saltitante”. Mais adiante ele relata que o ensino médio foi uma “montanha russa, entre altos e baixos”, se referindo às emoções e situações que ocorreram com ele nesta fase da vida.

¹⁴ Nome fictício de um participante das oficinas de Escrita.

Para contar sobre a infância e adolescência, Theodoro precisou acessar estas memórias e relembrar estes fatos. Beatriz Sarlo, nos estudos sobre memória, ressalta que não há como evitar a influência do presente no ato de narrar o passado:

(...) no discurso, o presente tem uma hegemonia reconhecida como inevitável e os tempos verbais do passado não ficam livres de uma "experiência fenomenológica" do tempo presente da enunciação. "O presente dirige o passado assim como um maestro, seus músicos", escreveu Italo Svevo. (...) A rememoração do passado (que Benjamin propunha como a única perspectiva de uma história que não reificasse seu objeto) não é uma escolha, mas uma condição para o discurso, que não escapa da memória nem pode livrar-se das premissas impostas pela atualidade à enunciação. E, mais que uma libertação dos "fatos" coisificados, como Benjamin desejava, é uma ligação, provavelmente inevitável, do passado com a subjetividade que rememora o presente. (SARLO, 2007, p.49)

Retomamos, então, a *invenção de si*, defendida por Marie-Christine Josso. A autora acredita que o ato de narrar a vida é uma ficção que se baseia em fatos reais. E seria a partir desta narração ficcional que o sujeito inventa um "si autêntico". Temos aqui uma relação tênue entre ficção e realidade, que é recorrente em diversas expressões de arte, assim como na literatura ficcional (autoficção, metaficção) como na não-ficcional (autobiografia, biografia) e no cinema, como é o caso dos documentários.

A invenção de si pressupõe imaginável e possível um projeto de si, o que implica conquista progressiva e sempre em vir-a-ser de uma autonomia de ação, de uma autonomia de pensamento, de uma autonomia em nossas escolhas de vida e em nosso modo de vida. (...) a invenção de si pode tornar-se uma das formas tomadas pela posição existencial da intencionalidade, que se desdobra no cotidiano e não somente em situações ou contextos particulares. (JOSSO, 2007, p. 436)

Em um texto escolho o que dizer e o que não dizer, escolho o que mostrar e o que esconder, escolho, enfim, me revelar ou me ocultar por meio das palavras. Ou, ainda, penso que estou fazendo isso de forma consciente.

Ao narrar problemas que enfrentou ao longo do ensino médio, Theodoro rememora e traz novamente ao presente algumas questões sobre identidade e diferença. No primeiro ano, ele era um estudante "popular", como ele mesmo destaca como sendo "algo inédito", mostrando surpresa. Já no segundo e terceiro ano ele teve depressão e, posteriormente, Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC). Estes dois diagnósticos, considerados patologias dentro da área da psicologia, fez

com que Theo desistisse de estudar nesta época. Voltamos aqui novamente às questões de “normalidade”. Por ser considerado diferente, Theo acabou evadindo da escola e deixando de ter uma convivência social saudável. Tomaz Tadeu da Silva ressalta que “(...)a definição do normal depende da definição do anormal. Aquilo que é deixado de fora é sempre parte da definição e da constituição do ‘dentro’”(2014, p. 84).

Problematizamos, novamente, que aquilo que é considerado “diferente” ou “anormal”, constitui-se em um atributo de exclusão.

Theodoro se considera alguém “quieto, ansioso, tedioso, reflexivo, introvertido e, ao falar, inseguro”. O que marca, aqui, é a forma como ele se enxerga e como ele acredita que outras pessoas o enxergam, já que adiante ele explica que “há certas qualidades que as pessoas têm” dele, mas que “independentemente de mim para serem”. Como ser algo que independe de si? O estudante quer dizer, aqui, que as leituras que outras pessoas fazem dele fazem parte das subjetividades que, por vezes, fogem às próprias escolhas. Kathryn Woodward ressalta que a subjetividade é tanto consciente quanto inconsciente e, por isso, somos, muitas vezes, contraditórias(os), como vimos no relato de Ana Beatriz. Além disso,

a subjetividade pode ser tanto racional quanto irracional. Podemos ser – ou gostaríamos de ser – pessoas de cabeça fria, agentes racionais, mas estamos sujeitos a forças que estão além de nosso controle. O conceito de subjetividade permite uma exploração dos sentimentos que estão envolvidos no processo de produção da identidade do investimento pessoal que fazemos em posições específicas de identidade. Ele nos permite explicar as razões pelas quais nós nos apegamos a identidades particulares. (WOODWARD, 2014, p. 56)

Esta busca por tentar entender quem somos pelo olhar do outro é uma forma de alteridade, já que, neste processo também tentamos descobrir quem é este(a) outro(a) por meio do nosso olhar sobre a experiência de vida. Anteriormente, no relato de Lucas, Bakhtin surgiu para defender que nós “(...)tentamos compreender os momentos transgredientes à nossa própria consciência e considerá-los por meio do outro(...); vigiamos e capturamos os reflexos de nossa vida no plano da consciência dos outros homens.” (BAKHTIN apud SAMOYAL, 2008, p.20).

Os cinco textos revelaram um pouco sobre a subjetividade de cada um e me fizeram (re)pensar a problematização das diferenças, como defende Sandra Corazza: “trata-se de trabalhar, o tempo inteiro, com as diferenças, de reforçá-las e

problematizá-las radicalmente, de enfatizar as suas dinâmicas, de viver todas as suas experiências inquietantes e misteriosas” (CORAZZA, 2009, p. 15).

Depois dos cinco relatos dos participantes das oficinas de escrita, já os vejo de outro modo. Não completos, inteiros, mas complexos, carregados de histórias e memórias das quais não acessei e talvez jamais alcance, cheios de cicatrizes, tatuagens que estão marcadas na alma. Depois dos relatos me vejo outra, outras, afinal... meu *eu singular* conversa com o *eu* deles. Na educação, estas trocas devem ocorrer da maneira mais natural possível. Se sei um pouco sobre esta(e) aluna(o), como posso facilitar a aprendizagem? Que referências posso usar para fazer com que eles se identifiquem com o que falo? Como tocar este outro que traz consigo tantas narrativas, tantas invenções, tantas criações a colocar no papel?

Sou aprendiz-jornalista-educadora-leitora-escritora-reikiana. Sou algo que não sei relatar. Se me pedissem um texto autobiográfico talvez eu fugisse e dissesse que sou eu quem faz as perguntas, como em qualquer entrevista em que a fonte quer questionar o repórter. Mas aqui, em que somos todos muitos ao mesmo tempo, em que cada um é raro, posso tocar na ponta dos dedos da tentativa e dizer a ela: é, tentei.

Estou sempre em processos. Processos de mudanças. Estou sempre mudando, buscando, crescendo, caminhando – mesmo sem saber ao certo para onde. Pratico yoga há quatro anos, fiz um curso de reiki há poucos meses, sou vegetariana. Cursei jornalismo por gostar de escrever e hoje sou estas conexões complexas entre jornalismo, literatura, educação, etc. Gosto de ouvir e contar histórias, brincar com as palavras, criar universos. Gosto também de ouvir as verdades, estar em contato com personagens reais e aprender por meio do imaginário do outro. “Se definir é se limitar”, já dizem estas falas piegas do internetês, mas posso contar fragmentos, fragmentos-histórias, fragmentos-cicatrizes, fragmentos-alegrias, fragmentos-decepções, fragmentos-utopias, fragmentos-sonhos, fragmentos-objetivos.

E se não posso me fragmentar, não posso, também, me reinventar. Se tudo é ficção de si, como escrever a realidade?

Então Fernando Anitelli, cantor e compositor de uma de minhas bandas preferidas (O Teatro Mágico) reafirma o que penso: “Eu não sei na verdade quem eu sou, já tentei calcular o meu valor. Mas sempre encontro sorrisos e o meu paraíso é onde estou. Por que a gente é desse jeito criando conceito pra tudo que restou?”

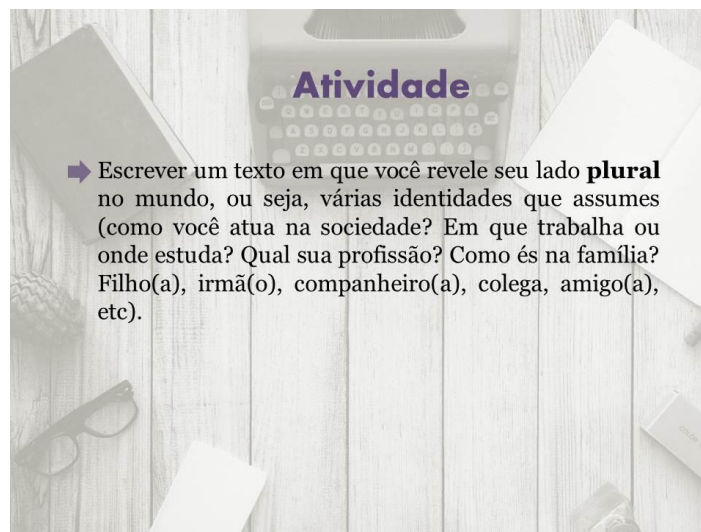
(...)Descobrir de onde veio a vida, por onde entrei deve haver uma saída. Mas tudo fica sustentado pela fé, na verdade ninguém sabe o que é!”

3.3. Existência plural ou *eu plural*

Em um sábado de março conversei novamente com as(os) participantes das oficinas de Escrita Criativa de Ficção e Não-Ficção. Expliquei sobre o tema da minha pesquisa novamente e pedi para aqueles que não tivessem entregado os textos, o fizessem.

- Eu já escrevi o texto sobre o *eu singular*, agora falta o *eu plural*. Mas o que seria, exatamente? – perguntou Theodoro.

Nos slides, a atividade pedia:



Expliquei, então, que o *eu plural* seria quem somos ao nos relacionarmos com a coletividade, nas relações e nos variados papéis sociais que desenvolvemos diariamente.

Após duas semanas, eles me entregaram os textos. Percebi que o *eu singular* e o *eu plural* estão entrelaçados e é difícil definir quem é quem ou o quê é o quê.

Alguns relataram experiências positivas ou negativas. Outros apenas descreveram como se enxergam na coletividade.

Se no *eu singular* prevalecem as individualidades e subjetividades de cada um, mesmo tendo relação com o social, cultural e político, no *eu plural* este narrar-se vai além: exterioriza o eu, mostra em que lugares “se encaixa” na sociedade que espera nomes e sobrenomes, funções, cargos (ou “o que você faz da vida”), como se constitui sua família, etc. Porque, ao final, é sempre preciso responder e definir, mesmo que a intenção seja fugir das classificações.

Cada situação exige de cada pessoa uma forma de comportamento ou ação. Emergem aí os papéis sociais que desempenhamos nos mais variados ambientes e na relação com diversas pessoas. Woodward ressalta que:

Em todas essas situações, podemos nos sentir literalmente, como sendo a mesma pessoa, mas nós somos, na verdade, diferentemente posicionados pelas diferentes expectativas e restrições sociais envolvidas em cada uma dessas diferentes situações, representando-nos, diante dos outros, de forma diferente em cada um desses contextos.” (WOODWARD, 2014, p.31)

Carlos, o estudante de 17 anos, priorizou falar sobre a expectativa de outras pessoas sobre si, os objetivos de vida quanto à profissão e a relação com a família.

Ora me acho essencial, ora me acho comum e insuficiente. A verdade é que sempre se espera de mim mais do que posso dar, eu mesmo sou um dos que fazem isso. (...)Estou no terceiro ano do ensino médio e estudo na escola Carlos Kluwe. Sempre fui bom aluno, e ciente do que quer. Visto que desde o primeiro contato com a leitura me encantei. E a partir daí tive a certeza que queria ser escritor. (...)Em casa sempre me dei muito bem com todos, tenho quatro irmãos e a certeza de que muitos me querem bem. Quanto aos meus pais, não tenho dúvida de que fariam tudo por mim. Além disso, não existe no mundo amor maior do que eu sinto pela minha mãe. É inexplicável.

O trecho selecionado se refere ao *eu* de Carlos em contato com o mundo externo, na relação com os outros assim como a dele consigo dentro da sociedade. Surge um Carlos na pluralidade. Aqui, ele relata que esperam dele mais do que pode dar, inclusive ele faz esta cobrança consigo. Podemos ver uma certa pressão de outras pessoas sobre quem ele é e o que ele faz, seja enquanto estudante ou

enquanto ator social de um modo mais amplo. Estas pressões sociais não seriam formas de anular as singularidades dele? Esperar de alguém não é buscar moldar algo a partir do próprio ponto de vista? Esta ação causa no estudante sensação de impotência. Bakhtin problematiza este olhar do outro dizendo que “é preciso libertar-se do ‘ponto de vista do outro’ sobre nós”(2010, p. 262).

A seguir, Carlos conta que tem uma boa relação com os pais e as irmãs e fala da sensação de se sentir querido nos trechos “tenho (...)a certeza de que muitos me querem bem” e “não tenho dúvida de que fariam tudo por mim”. Novamente o *eu* e *eu* dos outros se fundem nas relações.

Bakhtin diz que ao narrar sobre a própria vida, autor vira personagem (como os narradores-protagonistas), se entrelaçando aos outros personagens. Neste caso, Carlos se refere à família e tenta ler o olhar dos outros sobre si mesmo e ainda tenta traduzir o que sente em relação a estas pressões e expectativas.

Ao narrar sobre minha vida cujas personagens são os outros para mim, passo a passo eu me entrelaço em sua estrutura formal da vida (não sou herói da minha vida mas tomo parte dela), coloco-me na condição de personagem, abranjo a mim mesmo com a minha narração; as formas de percepção axiológica dos outros se transferem para mim onde sou solidário com eles. É assim que o narrador se torna personagem. Se o mundo dos outros goza de autoridade axiológica para mim, ele me assimila enquanto outro (claro, nos momentos precisos em que ele tem autoridade). (BAKHTIN, 2010, p.150)

Outro trecho revela que o estudante cursa o ensino médio e, ao ter contato com a leitura logo se interessou pela escrita. Carlos enfatiza: “Sempre fui bom aluno, e ciente do que quer. Visto que desde o primeiro contato com a leitura me encantei. E a partir daí tive a certeza que queria ser escritor”. Este discurso revela o quão a arte está presente nas identidades dele. Josso defende que o ser-sensível que temos em nós, parte constituinte das nossas identidades, faz aflorar sentidos, pensamentos e ações. “(...)a arte torna-se, assim, uma das vias do conhecimento. Essas formas do sensível são a melhor ilustração possível do paradigma do singular plural” (JOSSO, 2007, p. 435).

No relato de Carlos, a crença e religiosidade também foi marcada. Carlos escreve: “Eu sempre acreditei em Deus, e essa crença só aumentou quando descobri as obras de Allan Kardec, desde então me tornei espírita”.

De acordo com a autora Nilma Gomes (2003) todos nós diferimos nos mais variados aspectos. Ao dizer que se tornou espírita, Carlos é diferente daqueles que são ateus ou possuem outra religião.

Somos também os filmes que assistimos, livros que lemos, músicas que ouvimos, quadros que apreciamos. Somos a apreciação do pôr-do-sol que beija o horizonte ao fim de tarde, uma bebida quente no frio ou muito gelada no calor. Somos a sensação boa do banho quente no inverno, do abraço no fim do dia, dos sonhos bons que temos de olhos abertos. Somos feitos da apreciação da beleza, da arte que a vida proporciona, das criações individuais e coletivas, mas somos também estes seres que ainda precisam ter seus olhares educados para o sensível, para enxergar o belo. Talvez não seja culpa nossa. Não somente nossa. O mundo está caótico, é verdade.

Da história de Carlos e dos meus olhares sobre nossas subjetividades, passo para o texto autobiográfico de Ana Beatriz em que revela um pouco do seu *eu plural*. Ana destacou a relação com a família e os variados papéis sociais que desempenha.

Nasci na cidade natal de meus pais, Dom Pedrito/RS, em uma família simples, do interior. Meu pai, Médico Veterinário, Servidor Público Federal do Ministério da Agricultura e minha mãe, graduada em Educação Física, professora Estadual. Juntos criaram 04 filhos, com dificuldades próprias de uma família sem muitas condições econômicas, porém com valores muito fortes. Desde criança aprendi que honestidade, lealdade, trabalho e amor eram fundamentais em nossa vida. Sempre tive em mim vontade de aprender e de ser independente. Lutei por isso e consegui. (...)Sou casada, tenho uma filha, e servidora pública federal. (...)Sou filha, nora, amiga, Rotariana, esposa, mãe e etc.

Ao contar sobre a cidade que nasceu, apresentar os pais e irmãos, Ana retorna ao passado rememorando histórias. A família surge como base principal para o que a narradora chama de *valores*. Estes valores estão explícitos no trecho “Desde criança aprendi que honestidade, lealdade, trabalho e amor eram fundamentais em nossa vida”. Mais adiante, Ana Beatriz afirma o quanto estes

valores aprendidos repercutiram no presente: “Sempre tive em mim vontade de aprender e de ser independente. Lutei por isso e consegui”.

Assim como Bakhtin fala que nossa existência perpassa a existência do outro, Josso explicita que nossa existência singular sempre perpassa questões coletivas, ao dizer que “não há individualidade sem ancoragens coletivas (família, pertencas e grupos diversos, sobre os quais todos e cada um tem uma história!) (JOSSO, p. 431).

Anteriormente falei sobre os variados papéis desenvolvidos por uma mesma pessoa. Eu, tu, ele, nós, vós, eles. Posso conjugar em várias pessoas o verbo ser e estar, já que todos somos e estamos caminhando, indo, fazendo, crescendo, descobrindo, florescendo, entre outros gerúndios. Se estamos sempre em movimento, como afirmou Bauman(1999), estamos sempre desenvolvendo diversos papéis sociais e atuando dentro da nossa própria realidade/ficção.

Ana Beatriz escreve: “Sou casada, tenho uma filha, e servidora pública federal. (...)Sou filha, nora, amiga, Rotariana, esposa, mãe e etc”. Sou, sou. Ser é palavra forte. Fecha, decide, encurrala, diz ser isso e não aquilo, voltamos aqui à Identidade e Diferença. Mas o destaque não é para como definimos o que somos, mas a noção de que desenvolvemos diversos papéis sociais dentro dos mais variados grupos.

Os indivíduos vivem no interior de um grande número de diferentes instituições, que constituem aquilo que Pierre Bourdieu chama de “campos sociais”, tais como as famílias, os grupos de trabalho ou partidos políticos. Nós participamos dessas instituições ou “campos sociais”, exercendo graus variados de escolha e autonomia, mas cada um deles tem um contexto material e, na verdade, um espaço e um lugar, bem como um conjunto de recursos simbólicos. (WOODWARD, 2014, p.30)

Além do relato sobre os papéis sociais na área profissional, político, familiar e amoroso, Ana narrou sobre a sensação de ser diferente em uma sociedade que aparenta ser homogênea:

Por vezes me sinto solitária nessa sociedade de massa em que todos devem seguir o mesmo caminho e as mesmas prioridades.
(...)Penso que estar na sociedade é também transformá-la em um lugar mais igualitário e criativo onde todas as pessoas tenham a

chance de se expressar, na certeza de que a diversidade é a maior riqueza de um País.

Os dois trechos selecionados se referem a um *eu singular* mesclado a um *eu plural* que se sente diferente, excluído de alguma forma perante à sociedade. Se todos(as) “devem seguir o mesmo caminho e as mesmas prioridades”, Ana se sente solitária já que discorda. Mais adiante, quando diz que “estar na sociedade é também transformá-la”, ela se refere ao *eu plural* que pensa e atua na e para a coletividade.

Crença e religiosidade também surgiram no texto de Ana Beatriz. Ela escreveu: “Percebo que o passar do tempo, me trouxe a maturidade necessária e uma dose de coragem para seguir minha intuição.”

Não me refiro aqui à religiosidade propriamente dita, mas à crença em algo para além da materialidade. Ana acredita em intuição, que é considerado por muitos, algo “divino” ou “paranormal”. Já segundo a psicologia (na linha de Carl Gustav Jung), pode ser uma manifestação do inconsciente. Segundo o dicionário Priberam, intuição é: “1. Percepção instintiva; 2. Conhecimento imediato; 3. Pressentimento da verdade; 4. [Religião católica] Visão beatífica. (...) Deduzir ou concluir por intuição. = pressentir”.

Além de Ana e Carlos, Lucas também escreveu um texto sobre sua existência plural. A área de estudos, a família, amigos, amores e incertezas emergiram das páginas que Lucas me entregou. As histórias entrelaçadas em uma linguagem de prosa poética me levou para dentro da história.

Lucas é ambíguo e híbrido e convive com as (in)certezas do presente:

Na academia, questões de estudos, atualmente mais me perco do que me acho, me encanto com a possibilidade de tudo que posso aprender mas não boto o empenho suficiente para alcançá-los, (...) dessa vivência vem também a convivência com os outros, que dessa me desperta desejos e competitividade, totalmente perturbável, e dos desejos vem a constante vontade de encantar os outros, ser interessante, hipnotizar.(...)A minha existência plural se multiplica com mais pessoas que vou conhecendo, não acho que é falsidade, (...)eu escolho, involuntariamente, o que mostrar pra cada convivência minha, mesmo na nudez deixo detalhes ainda à revelar. No ambiente familiar a personalidade se mostra diferente com os diferentes níveis da relação, (...)aspectos de meu ser mais voltados para carinho, mas também rebeldia, e uma luta persistente para se fazer relevante.(...)Falando de amor, um grande amor, e múltiplas pequenas paixões. (...)não entendo a questão do melhor amigo, se tive acho que perdi. (...)há muitas pessoas que me importo e que

tenho amizade, inclusive intensas e de muito tempo, e de pouco tempo também. (...)ainda não sou seguro em que caminhos seguir, só sigo tentando de maneira consciente adquirir os melhores resultados, sendo derrubado nessa corrida por falta de empolgação mas ainda lutando por sonhos que ainda não estão claros. (...)cem por cento apaixonado pelas artes e as coisas "de humanas" da vida, mas também exatas, e biológicas.

Se encontrar e se perder, que tem aqui um sentido metafórico, seriam também modos de ver de acordo com a sociedade e cultura que estamos inseridos? Lucas tem pouco mais de 20 anos e muitas dúvidas. Ele elenca a academia como espaço de estudos mas também de competição e desejos. O que está mais presente na narrativa do estudante é a incerteza do curso que escolheu. Ele não revela o curso e isso parece proposital, como forma de deixar mistério à leitora.

Na revelação de algumas características da pluralidade, as singularidades surgem e se mesclam. Ele quer agir dentro da área profissional que escolheu mas revela: "me encanto com a possibilidade de tudo que posso aprender mas não boto o empenho suficiente para alcançá-los", assim como: "ainda não sou seguro em que caminhos seguir, só sigo tentando de maneira consciente adquirir os melhores resultados, sendo derrubado nessa corrida por falta de empolgação mas ainda lutando por sonhos que ainda não estão claros". Lucas mostra um momento de insegurança que é também de transição. Afinal, decidir que área seguir dentro de uma sociedade que espera que exerçamos a profissão que escolhemos na graduação ou curso técnico, por exemplo, é considerado "natural", se não for levadas em consideração as variadas mudanças que todos sofremos ao longo da vida.

O estudante revela que ele se multiplica de acordo com as pessoas que vai conhecendo e que escolhe, de forma involuntária, o que mostrar e o que esconder nestas relações com os outros. Quando se refere à família diz que "a personalidade se mostra diferente com os diferentes níveis da relação". Novamente surgem os papéis sociais e as diversas identidades. Lucas assume identidades diferentes que, às vezes, podem entrar em conflito. Woodward explica que:

A complexidade da vida moderna exige que assumamos diferentes identidades, mas essas diferentes identidades podem estar em conflito. Podemos viver, em nossas vidas pessoais, tensões entre nossas diferentes identidades quando aquilo que é exigido de uma

identidade interfere com as exigências de uma outra. (WOODWARD, 2014, p.32)

Lucas não parece se mostrar outro de forma “oposta” para a família, mas parece ocultar algumas características do seu *eu* para se adaptar e ser aceito em alguns grupos sociais.

As relações de amizade e amor aparecem em vários momentos na escrita de Lucas. Ele revela que tem um grande amor e múltiplas pequenas paixões, assim como existem muitas pessoas que ele têm amizades, seja de curta ou longa data. Nesta narrativa, o estudante revela uma busca pelo autoconhecimento. Josso(2004) acredita que esta busca que fazemos pelo nosso *eu* começa, às vezes, pela escolha das amizades na infância, pela escolha de grupos de afinidades, pela busca de um(a) companheiro(a), entre outros grupos como partido político e até mesmo mudança de país, por exemplo. É como se buscássemos nos reconhecer no outro, seja este outro uma pessoa, instituição, grupo, lugar.

(...)a busca de si é inseparável de uma relação com outrem, mesmo quando, durante um tempo, se privilegia uma exploração de si, em relação a si mesmo, a partir de autopercepções e de auto-observações, sustentadas, ou não, por um quadro terapêutico ou de desenvolvimento pessoal. Nós não saberíamos viver, mesmo como eremitas, sem pertenças (reais ou simbólicas). (JOSSE, 2004, p. 95)

A fala de Josso vai ao encontro da narrativa de Lucas. Afinal, ele acredita que sua existência se multiplica de acordo com as pessoas que conhece. É uma busca de si pelo (ou com) o outro.

No texto de Lucas surgiu também o misticismo, visto que apareceram muitas crenças. O estudante falou sobre astrologia, energia, extraterrestres e criaturas sobrenaturais.

(...)gosto de falar de alucinações e sonhos e de ouvir também, intimamente tenho uma busca por conexões, externamente até creio que essas conexões se formem. (...)culpabilizo o mapa astral que me dá habilidades de um escorpião charmoso para tentar satisfazer um ego leonino perdido pelo mapa.(...)E intimamente? Uma completa bagunça, crendo de Deus à ETs, do lobisomem ao *mothman*.

As crenças fazem parte da subjetividade e escolhas de cada um enquanto ser único. Às vezes sofremos influência de amigos, familiares, educadores, mas outras vezes as crenças vão surgindo ao longo da vida. Assim, Lucas acredita nas mais variadas manifestações do divino ou do que se refere ao sobrenatural.

Depois de Lucas, é Lorena quem conta sobre a existência plural. Assim como a narrativa do *eu singular* - em que ela usa metáforas e descreve bruxas e princesas- Lorena resolveu escrever em forma de conto. Lorena escolheu uma situação que aconteceu para revelar um pouco de si. Entram aqui questões de cibercultura e formas de se relacionar na *web*, que não serão aprofundadas devido ao espaço deste trabalho assim como os direcionamentos do tema da pesquisa.

Era uma vez uma *Lorena*...

Ela vivia feliz e contente em seu mundo virtual, expondo suas opiniões e fotografias nas redes sociais. Dava seus pitacos mas respeitava a opinião alheia, ainda que contrária a sua, seguindo o princípio de que cada um sabe de si e de sua respectiva página. Mas, na página dela, gostava muito de expressar seus pontos de vista. Ela sabia que já havia sido deletada e bloqueada por gente que não se sentia a vontade com suas conclusões, todavia, como acreditava no respeito mútuo, o que até então estava funcionando, aceitava sem reclamar as exclusões e bloqueios, afinal, não se pode agradar a todo mundo. Só que certo dia, um chato de galocha resolveu perturbar Lorena,(...)querendo debater sobre qualquer suspiro seu, com acusações e babaquices.

Daí, Lorena o bloqueou, porque ela não é obrigada e foi feliz virtualmente pra sempre.

Quem somos afeta o outro. Quem o outro é nos afeta. Ou seria o que eu faço afeta o outro e o que o outro faz me afeta? Seria a forma que sou ou modo que ajo? Tudo está entrelaçado, afinal. Difícil separar entes fios interligados nesta teia complexa que é nosso ser, nosso eu, nossa alma ou seja lá o nome que cada um quer escolher.

Em uma entrevista no programa *Conversa com Bial*, em junho deste ano, o ator Lázaro Ramos contou sobre o livro que escreveu sob o título *Na minha pele*, que fala sobre racismo, relações e principalmente construção de identidades. Enquanto falava, Lázaro falou sobre afeto e identidade e diferença: "Tão legal poder falar de afeto. Afetar e ser afetado pelo outro. Perceber as diferenças e não deixar as diferenças nos afastarem".

Além da consciência sobre as diferenças, é preciso problematizar sobre a convivência. No caso relatado por Lorena, o outro estava sendo inconveniente, o que fez ela ter uma ação de afastamento. Assim, ela mostrou um pouco do seu *eu* ao se relacionar com os outros. Lorena se considera respeitosa no trecho em que diz: “Dava seus pitacos mas respeitava a opinião alheia, ainda que contrária a sua, seguindo o princípio de que cada um sabe de si e de sua respectiva página¹⁵”. Mas quando se sentiu desrespeitada decidiu afastar-se.

Se Bakhtin e Josso falam das relações com os outros para buscarmos a nós, pontuo aqui os impactos negativos que algumas relações podem gerar. Neste caso, a pessoa foi desrespeitosa com Lorena e ela precisou ter uma atitude. Às vezes é preciso acordar, ainda que de olhos abertos, para atitudes que ferem. É preciso sim, trabalhar e problematizar as diferenças, como defende Sandra Corazza, mas perceber os limites do outro é uma forma imprescindível de alteridade.

Ao encerrar o texto, Lorena diz que “foi feliz virtualmente pra sempre”, revelando que acredita que na rede social é possível selecionar quem permanece e quem deve ser “excluído”, quem pode fazer parte do círculo de amizades e quem fica “fora”. Me refiro, aqui, ao que Jean Baudrillard chamou de simulacro, ou seja, a ideia de que vivemos a simulação de realidades e que aquela tem mais peso que esta. As mídias, e neste caso as redes sociais, alimentam este olhar do espectador sobre a simulação que passa a ser realidade: simulacros.

Além deste texto, Lorena escreveu um segundo conto sobre situações que vivenciou enquanto advogada. Lorena utiliza uma linguagem bem humorada para contar que é formada há 16 anos na área de Direito mas que muitos amigos e pessoas conhecidas pedem consultas de forma gratuita. Um trecho foi selecionado para explicitar estas questões:

Hoje faço 16 anos de formada!
E para comemorar, vou dar umas dicas muito pertinentes sobre como deve se comportar um advogado em algumas situações cotidianas, algo que aprendi ao longo da minha experiência profissional.
(...)E, antes que alguém se melindre, é claro que tirar dúvidas de amigos é um prazer. Porém, uma dúvida não é uma consulta. Respeite o trabalho do advogado! E nunca se esqueça que ele depende dos HONORÁRIOS pra viver!

¹⁵ Página se refere ao perfil de cada pessoa na rede social *Facebook*.

Ao longo do texto ela relatou algumas situações em que pessoas pediam conselhos e dicas sobre uma determinada situação, sendo que este é o trabalho dela.

Lorena escolheu mostrar seu *eu profissional* de forma bem humorada e instigou a (re)pensar o quão, muitas vezes, o olhar do outro pode desvalorizar uma profissão.

Aqui, novamente meu *eu* conversa com o *eu* do Outro. No relato de Lorena a profissão de advogada faz parte também da minha vida, pois meu pai também exerce a mesma profissão. Assim, ao ler as histórias que Lorena contou, revivi lembranças que fazem parte de experiências semelhantes de meu pai e que chegou até mim por meio de relatos.

O quinto e último relato é de Theodoro. Theo me entregou dois textos. Disse, ao entregar o segundo, que ele mudou muito nas últimas semanas e por isso resolveu entregar um novo texto. Os dois textos trazem a existência singular plural intrincada, tênue, separadas ou unidas por detalhes e sopros.

Theo optou por falar sobre a consciência de estar em uma coletividade. Falou da relação com a família e do impacto das expectativas dos outros em quem ele mostra ser. Relatou problemas que enfrentou na escola, tanto no ensino fundamental quanto no médio.

(...)é justamente este ponto do qual se pode partir para eu falar de mim mesmo: aquele ponto em que deixo de me sentir como indivíduo para me sentir como coletividade. Ou, por outro lado, a prática, o hábito, o ato inconsciente de ver as coisas, de um ponto mais alto, a humanidade.(...)Sou o filho do meio, entre três. (...)Minha mãe e meu pai têm doze anos de diferença, ele mais velho. (...) Durante todo ensino fundamental, fui o primeiro da classe, o que ficava sozinho no intervalo, o que passava cola pra turma toda. (...)No primeiro ano, algo inédito, eu era popular. No segundo ano, evadi por depressão. No terceiro, ano por TOC. (...)Principalmente por gostar de escrever, escolhi cursar Jornalismo, o que hoje estudo.

(...)“Impacto” é, percebi agora algo que costumo buscar nas minhas apresentações sociais. Na família, por hábito e por criação, sou também quieto, pela diferença gritante que há entre o que enxergam de mim e como, no fundo sou.

Assim como foi apresentado anteriormente, na narrativa do *eu singular*, Theodoro falou sobre os problemas que teve na escola. Aqui, singular e plural se entrelaçam visto que quem ele é/era na subjetividade influenciou nas relações com colegas e amigos. No primeiro ano do ensino médio ele era “popular” no colégio, o que aparenta ser visto como algo positivo. Já no segundo e terceiro anos, ele evadiu por patologias individuais que também fazem parte do coletivo como depressão e TOC. Elas causaram problemas de relacionamento e na educação, visto que deixou de frequentar a escola. Em um trecho, Theodoro fala que no ensino fundamental era o melhor aluno da sala e “passava cola” para os colegas. Por outro lado, ele era excluído e ficava a maior parte do tempo sozinho.

No início dos textos sobre as singularidades, Carlos falou sobre a Síndrome do Pânico e o quão se sente vulnerável em determinadas situações. Relembro, então, o quanto os processos de “normalização” são hegemônicos e excludentes. Ainda que se referindo ao passado, rememorando, Theodoro sofreu de Transtorno Obsessivo Compulsivo(TOC) e depressão, o que impediu que ele continuasse os estudos naquela época. Tomaz Tadeu da Silva defende que:

A definição daquilo que é considerado aceitável, desejável, natural é inteiramente dependente da definição daquilo que é considerado abjeto, rejeitável, antinatural. A identidade hegemônica é permanentemente assombrada pelo seu Outro, sem cuja existência ela não faria sentido. (SILVA, 2014, p. 84)

Neste caso, o que é considerado patologia é rejeitado, deixado de lado e se torna obstáculo.

Outro trecho em que Theodoro se narra diz que “impacto é algo que ele geralmente busca nas apresentações sociais. Novamente o olhar do outro sobre si influencia em quem ele quer parecer. A fala utilizada anteriormente reflete a mesma questão: apesar de sabermos que é preciso nos libertarmos do olhar do(s) outro(s), este olhar tem certo poder sobre quem pensamos que somos. Bakhtin ressalta que “tentamos compreender os momentos transgredientes à nossa própria consciência e considerá-los por meio do outro(...);vigiemos e capturamos os reflexos de nossa vida no plano da consciência dos outros homens” (BAKHTIN apud SAMOYAULT, 2008, p.20).

Assim, o olhar da família também reflete em quem ele demonstra ser. Theo explica que por hábito, assim como por criação, ele é uma pessoa quieta “pela diferença gritante que há entre o que enxergam de mim e como, no fundo sou”. O estudante encontrou máscaras sociais para esconder o que considera ser um “verdadeiro eu” e, por achar que não será compreendido e ainda reprimido, silencia.

Emergiu, no texto de Theo, um relato de discriminação enquanto trabalhava e exercia o cargo de atendente. O porquê não está relatado nas linhas, mas Theodoro foi excluído por ser considerado diferente ou, ainda, inferior.

Trabalhei como burro de carga em um supermercado. Ali, cada dia era uma montanha-russa emocional. Lidava com todo tipo de gente. No ponto culminante do estresse, fui agredido. Atirado contra uma caminhonete, por um cliente. Foi esse um dos episódios em que comecei a me ver à parte da humanidade. “Tenho medo da maldade humana”, escrevi, à época, em um texto em que parecia me divorciar da “raça humana”.

O relato de Theodoro doeu. Não há outra definição. Ao ler pela primeira vez, meus olhos se encheram de lágrimas e ouvi Belchior sussurrar em meu ouvido “Eu sinto tudo na ferida viva do meu coração”. Ao enxergar aquela cena, descrita no papel, percebi o quanto nós, enquanto educadoras(es) não temos conhecimento da maioria dos acontecimentos que se passam com alunos(as) e o quanto podemos, de alguma forma, afetar, ser afetado, agregar, instigar a outros olhares e possibilidades.

Eliane Brum, no livro *A vida que ninguém vê*, diz que “somos todos mais iguais do que gostaríamos. E, ao mesmo tempo, cada um é único, um padrão que não se repete no universo, especialíssimo. Nossa singularidade só pode ser reconhecida no universal. Tudo é um jeito de olhar” (BRUM, 2006, p.195).

A jornalista e escritora não é especialista, mestre, doutora ou teórica em identidades, subjetividades, memórias, autobiografias... mas Eliane tem o olhar sensível de perceber o outro, de ouvir histórias, de contá-las com a poesia que às vezes falta na vida. Os olhares e escritas dela sobre as pessoas consideradas “anônimas” que têm lindas histórias para contar me contagiaram nos últimos anos. Enquanto jornalista e enquanto pessoa me sinto tomada pela empatia das palavras

com que descreve as vidas alheias. Ela tenta transpassar o que vivencia com os entrevistados para as páginas de jornais, revistas e livros.

Tento, aqui, compreender meus alunos enquanto educadora e estudante, mas principalmente enquanto aprendiz. Este meu olhar de fora é, também, um olhar de dentro. De quem se percebe no outro, de quem também se vê muito diferente, mas que busca entender. Se minha singularidade só pode ser reconhecida no universal, como destacou Eliane, só posso me reconhecer na relação com os outros, sejam familiares, amigos, amores, vizinhos, “conhecidos”, etc. O que há de único, raro, singular em mim só emerge em meio à multiplicidade de seres, de encantamentos do que fazemos de nós.

Para tornar-se mais consciente do que é estar na própria pele é preciso continuar buscando a si enquanto indivíduo singular. Para compreender a si e aos outros tendo consciência da coletividade em que se está inserida(o), é preciso olhar para fora, *out*, sem amarras dos preconceitos, agindo na pluralidade com alteridade.

Compreender estes cinco indivíduos por meio das narrativas autobiográficas é um desafio enquanto educadora. Nossos eus se mesclam e se diferenciam. Escuto as letras cantantes no papel e as tiro para dançar. Observo-as, abraço-as, para depois distanciar-me e entender que este outro não sou eu, que temos diferenças mas que são exatamente estas diferenças que compõem a multiplicidade de culturas, saberes, histórias recheadas de vida. É por meio do todo que pensamos mais sobre a Diversidade Cultural.

3. TRAJETOS AUTOBIOGRÁFICOS EM MOVIMENTO

No princípio escrevi *Trajetos autobiográficos*. O percurso passou pelas memórias de quem se olha ao espelho, se reconhece e então se narra. Depois passou por uma descrição de um *eu* singular e um *eu* plural. A existência singular plural está entrelaçada à Diversidade Cultural, assim como as singularidades emergem na multiplicidade e a pluralidade surge no individual.

Neste trabalho, busquei agir com alteridade para compreender a diversidade de cada um. Busquei me despir dos conceitos existentes em mim para co-existir nas narrativas dos outros.

Cada estudante é única(o). Cada pessoa carrega em si trajetos, não apenas de idas e vindas, mas de voltas, tropeços, quedas, recomeços. Como cantaria Caetano Veloso em *Dom de Iludir*: “Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é” ou como cantaria Sérgio Britto, em *Epitáfio*: “Cada um sabe a alegria e a dor que traz no coração”. Será que sabem, realmente? O processo de autoconhecimento é complexo, confuso e intenso. Exige entrega, coragem e persistência.

Ler narrativas autobiográficas, por mais breves que sejam, requer atenção, sensibilidade, entrega, espera. Os textos diziam muito além do que aparentaram em um primeiro momento. As narrativas de si fizeram os participantes se olharem, perguntarem a si mesmos “quem sou eu?”, pensarem na própria trajetória de vida... depois das leituras vi-os com outros olhos, um olhar de quem busca compreender as diferenças do outro mas com consciência de que eu também sou este(a) outro(a) perante ele(a). Percebi que há sempre mais semelhanças que diferenças e que as subjetividades carregam, na maioria das vezes, muitas contradições. As identidades são fluidas, mudamos o tempo todo.

Nesta pesquisa busquei problematizar, também, este “narrar-se”. A maioria dos estudantes que contaram sobre si, raramente escreveram assim anteriormente, voltando-se para si, para se perceber, para inventar ficções reais. Meu olhar enquanto educadora mudou após as leituras. Me aproximou do(a) outro(a) e mostrou o quão somos parecidos e próximos ainda que diferentes e distantes. As narrativas também revelaram o quanto a educação pode contribuir

ainda mais no processo de ensino-aprendizagem de cada indivíduo se passarmos a exercer a escuta sensível pelo menos em parte dos trajetos de vida.

A educação pode contribuir quando busca entender quem é esta aluna, o que interessa àquele aluno, qual a trajetória de vida, suas experiências, que alegrias e tristezas teve, o que o deixa surpreso. Percebi que buscar trabalhar a alteridade para desenvolver um melhor processo de ensino-aprendizagem depende, em primeiro lugar, da educadora. É preciso sensibilização nas escolas (educação formal) e em todos espaços de educação não-formal para descobrir quem é o outro para poder compreender quem somos nós ou, neste caso, quem sou eu.

É preciso ir além do currículo e da sala de aula. É preciso saber afetar e ser afetado com o objetivo de contribuir e trocar conhecimentos e experiências.

Pesquisar sobre narrativas autobiográficas, neste trabalho, significou entrelaçar o que há de mais subjetivo, a buscar por respostas que não se encerrarão nem neste nem em próximos trabalhos: Quem é você? Quem sou eu? Quem somos?

Os estudantes se narraram das mais variadas formas. Contaram sobre suas profissões, relações com a família, gostos, escolhas, experiências agradáveis e desagradáveis. Relataram no papel sobre quem eles acreditam ser. Descobri inúmeras identidades e percebi que escutar e buscar se despir de si para compreender quem o(a) outro(a) é vai além de todas teorias e conceitos.

Esta pesquisa significou, também, processos de muitos questionamentos e percepções que vieram à tona. Fiz um pequeno relato sobre isso em textos publicados na rede social *Facebook*, que estão nos Apêndices (ver página 51, 52 e 53).

Impossível finalizar algo que estará sempre em movimento. Os trajetos, as narrativas, o ser-no-mundo de cada um estarão sempre fluindo, andando, caminhando, crescendo, viajando, *ando*, *endo*, *indo* em infinitos gerúndios.

A Diversidade Cultural está presente em cada um de nós desde que nascemos. Somos sempre diferentes um dos outros e temos sempre muitas

semelhanças. Nossa singularidade se relaciona com todos e reconheço que há diversidade em todos os ambientes sociais.

Buscar qualquer explicação para dizer quem são meus(minhas) alunos(as) ou quem sou – ainda que com uma busca de cerca de doze anos de autoconhecimento – é “lançar uma pedra no poço fundo”, como diria Clarice Lispector. Tudo vai além, mas se olharmos atentamente, nosso olhar e sensibilidade podem ser educados a (re)conhecer o outro em si e o si no outro.

Talvez o papel da educação não seja trabalhar com traumas, complexos e dores. A área da psicologia já “se encarrega disso”. Mas o papel do(a) educador(a) pode ser de sensibilização e alteridade, de olhar novamente, de ler novamente, de compreender que cada estudante é um universo cheio de pequenas particularidades.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Profissionalização docente e identidade**: a invenção de si. Porto Alegre: 2007.
- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica**. Pelotas: 2003. Disponível em <<http://www.seer.ufrgs.br/asphe/article/viewFile/30223/pdf>>
- BAIRROS, Mariângela Silveira. MELLO, Elena Maria Billig. A diferença somos nós. A gestão da mudança social e as políticas educativas e sociais (Autores: Stephen R. Stoer; António M. Magalhães). Resenha. In: **RBPAE** – v.22, n.1, p. 161-169, jan./jun. 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- _____. **Questões de Literatura e de Estética – A Teoria do Romance**. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999
- BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.
- CORAZZA, Sandra Mara. A Educação do Século XXI: desafio da diferença pura. **ARIÚS: Revista de Ciências Humanas e Artes**. v. 1, n. 1, (out./dez. 1979) – v. 15, n. 1 (jan./jun. 2009). Campina Grande: EDUFPG, 2009.
- ESTEVES, Júlio. MANHÃES, Manuela Chagas. MARTINS, Analice. Uma reflexão sobre a escrita íntima e as narrativas de *ficções do eu* em Comer, rezar e amar, de Elizabeth Gilbert. In: **Almanaque Multidisciplinar de Pesquisa**. ANO III – Volume 1 - Número 1. Universidade Unigranrio: 2016
- GADOTTI, Moacir. A questão da educação formal/não-formal. **Sion: Institut International des Droits de 1º Enfant**, p. 1-11, 2005
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2008.
- GOMES, Nilma Lino. Educação e Diversidade Étnico-Cultural. In: **Diversidade na Educação: Reflexões e Experiências**. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2003.
- JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. In: **Revista Educação**, n. 3, set./dez. Porto Alegre, 2007
- _____. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- LISPECTOR, Clarice. **Perto do Coração Selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MORAES, Roque. GALIAZZI, Maria do Carmo. ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA: PROCESSO RECONSTRUTIVO DE MÚLTIPLAS FACES. *Ciência & Educação*. V. 12, n. 1: 2006, p.117-128.
- SAMOYAUULT, Tiphaine. **A Intertextualidade**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SILVA, TOMAZ TADEU DA (org.). HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. A Pesquisa e a Produção de Conhecimentos. In: **Caderno de Formação: Formação de Professores, Educação, Cultura e Desenvolvimento**. Universidade Estadual Paulista. Pró-Reitoria de Graduação. Universidade Virtual do Estado de São Paulo. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

Sites

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Pesquisa: **Intuição**. Disponível em <<https://www.priberam.pt/dlpo/intuicao>>

Folha de São Paulo. **Entrevista com Zigmunt Bauman**, por Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke.

Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1910200305.htm>>

Revista Superinteressante. **Simulacros e Simulação**, de Jean Baudrillard (resumo).

<<http://super.abril.com.br/cultura/simulacros-e-simulacao/>>

Café com Jung (blog). **A intuição**. Disponível em <<http://cafecomjung.blogspot.com.br/2013/07/a-intuicao.html>>

Músicas citadas

Dom de Iludir, de Caetano Veloso.

Eu não sei na verdade quem eu sou, de Fernando Anitelli.

Epitáfio, de Sérgio Britto.

APÊNDICES

Os três textos a seguir fizeram parte dos processos que passei enquanto produzia a pesquisa. Eles foram publicados na rede social *Facebook*.

Texto 1:

não, eu não estou tendo crises. mas quanto mais a gente estuda um tema, mais autoras(es) surgem, mais relações e entrelaçamentos fazemos e, eu sei, isso é lindo, isso é maravilhoso, mas que nó, meu deus, que nó, como pode? daí lembro das leituras sobre intertextualidade em que a samoyault fala que a literatura é uma biblioteca infinita e eu pensei "nossa, amiga, você é louca", mas isso é bem verdade sim, a literatura é infinita, e a literatura sobre autobiografia, memória, diversidade cultural, identidades é infinitamente maior (nesse momento eu sei, não estou pirando, está tudo sob controle). é só um desabafo virtual, coisa boba, volto logo a ter controle. ok. respirei, concentrei no om. tudooo omm.

mas. é. que. (suspiros)

ainda não é momento de escrever um livro, apenas uma monografia. e sim, isso não é loucura, mas que diabos estava pensando eu quando decidi analisar a subjetividade das pessoas, céus?

tudo bem, estou amando fazer isso, e escrever em primeira e terceira pessoa juntas. e é tudo lindo (só não são lindas as normas da abnt ha-ha).

mas é isso, é assim mesmo. quem mandou deixar para a "finaleira"? sofrer, sofrência.

vai ficar lindo. eu sei, sempre passa, né? e sempre dá certo no final, né? dizem que sim.

Texto 2:

não, eu não estou tendo crises[2].

mas quando a gente está escrevendo uma monografia, acontece algo com nossa cabeça, com nosso olhar, com nossa sensibilidade.

a gente começa a enxergar nosso tema em conversas do cotidiano. uma pessoa chega para desabafar sobre a vida e, meu Deus, ela está falando sobre meu tema.

tu está na parada do ônibus e a moça puxa assunto sobre o tempo, "esta semana vem chuva, esfria de novo", e logo que o assunto desenvolve, seja lá o que for, tu percebe que sim, ela está falando do teu tema.

tu estás no barzinho com os amigos e alguém comenta sobre questões da personalidade, meu Deus, meu amigo está falando do meu tema.

daí dá vontade de pegar o gravador - aquele amigo inseparável-, ligar e dizer: calma, fala devagar, vamos repetir. muito genial tua frase, tem-tudo-a-ver-com-meu-tcc. maaaas tu lembra que não pode utilizar a frase de qualquer pessoa, da amiga, do vizinho, da mãe. tem que ser entendedor, doutor, ter livros e artigos publicados na área. oh,god.

então tu até achas engraçado esse *tilt* que dá na mente e nos ouvidos de achar que todo mundo, quando fala da vida, está falando do teu tcc. que louco isso, que louco de verdade.

e quando tu começa a ler e reler os livros, as citações, a relacionar com teu trabalho que mais parece um grande tecido remendado - porque sim, ele está em ordem cronológica mas todo recortado e com partes a concluir - tu começa a perceber que as autoras estão te lendo e lendo tuas amigas, tua família e tuas vivências. que louco. genial. claro. óbvio. é assim mesmo. não-há-nada-de-novo-nisso. o novo é essa surpresa boa de bater um encantamento pelas palavras, pelo que é dito, pelo que sentimos. percebes, então, que quando achamos que o conhecimento só está na academia, vemos as falas de autoras nos trajetos da vida.

é preciso compreender para além das narrativas, para além de quem o outro parece ser. o que está nele(a) vai além do que pode ser contado. as histórias de cada um vão além do que se pode analisar, relacionar, entrelaçar.

volto agora para minha monografia porque não, eu não estou tendo crises. volto pensando que é lindo quando as autoras e livros nos lêem, mas escutar e buscar se

despir de si para compreender quem o(a) outro(a) é, vai além de todas teorias e conceitos.

Texto 3:

sim, eu estou tendo crises. e, o que até então parecia engraçado agora é real. talvez minha monografia passe longe do que imaginei. talvez não fique poética nem tenha uma super linguagem lírica nem passe com sensibilidade tudo o que senti ao ler os relatos, ao relacionar com as autoras, ao escrever sobre mim e os outros. mas aprendi, mais que tudo, que tudo são caminhos. tudo são processos. e para que possamos chegar a algum lugar – não gosto de usar a palavra “final”, porque nunca chegamos no final de algo, há sempre a aprender – da melhor forma possível, é preciso dedicação, empenho, é preciso se debruçar com todos os neurônios em cima do que se quer. é colocar metas e cumprí-las. acredito que fiz e faço meu melhor. mas sei que os prazos atrapalharam e sei que o estado de espírito para escrever uma monografia não é sempre a melhor de todas durante todos os dias que me acompanharam.

estou tendo crises porque gostaria que ele estivesse melhor. mas não é, ele é como é e ponto. ficou assim porque a palavra fixou na folha impressa. mas tudo bem. aprendi nesse processo que, assim como nós somos imperfeitas e contraditórias, minha pesquisa também foi. e vou continuar trilhando caminhos buscando a mim por meio dos outros ou os outros por meio de mim.

De uma leitura da monografia de Giuliana Bruni

Por: Clara Dornelles

Reencantamento. Foi esta a palavra que floresceu quando parei para pensar no que diria a ti, Giuliana, sobre a tua monografia. Teu texto me levou a conversar com Max Weber, pois é, eu não esperava por isso também. Teu texto me levou a ter esperança. Esperança na Educação, esperança na Academia, esperança na diversidade, e a entender que o desencantamento vem sempre constituído pela sua diferença, por isso esperança. E se querias afetar também pela tua escrita afetou, porque apesar de saber que de algum modo tu irias nos surpreender por entre as palavras, também percebi tua timidez. O título do teu trabalho não nos puxa pra dentro do texto. Eu ainda estava de fora quando li “Identidade, memória e diversidade cultural por meio de narrativas autobiográficas”. As epígrafes me criaram expectativas que, confesso, os dois primeiros capítulos não supriram, apesar dos seus títulos: “Escritas de si e a educação; Modos de fazer: leitura dos outros”. Cadê a surpresa, eu me perguntava. Por que as palavras estão tão acomodadas nessas folhas? Mesmo assim, ali já ouvia algo diferente, porque tu falavas na “saúde da educação”, no papel “humanizador” que integra para ti e em ti as profissões de jornalista e educadora, na visão construída por ti sobre uma educação que “desvela” trajetos de vida.

Mas “Nos modos de fazer”, por entre os tipos de pesquisa e procedimentos de análise, não te vi. Não vi as oficinas, não vi o Espaço Madre Terra, não vi as e os estudantes nos seus processos de escrita, nem a tua visão sobre quem são ou eram esses outros pra ti ou contigo. Então, eu comecei a pensar que não me surpreenderia mais, mas daí tu escolhes uma epígrafe que diz que “eu” sou uma ficção. E nas tuas palavras, que “somos corpos-fragmentos de memórias, de alegrias, de melancolias, de saudades, de novidades, de caminhos, tropeços e dores”, que “temos tatuado no nosso corpo mensagens e sensações que a cor, cicatriz ou tatuagem não traduz”. E aqui eu te percebi. E percebi o teu lugar. Percebi os teus interlocutores. Era tudo o que eu esperava de ti, inclusive o que eu não sabia que conheceria. E veio a narrativa da conversa com um aluno, veio o Madre Terra, veio a sala de “escrita criativa”, que tu nunca chamas de “sala de aula”, e as tuas convidadas especiais, como Josso e a existência singular plural, que tive muito prazer em conhecer! E comecei a leitura enquanto tomava chá e sol. Porque esta foi

uma leitura que resolvi *sentir* por respeito a ti e ao teu ato revolucionário que discretamente provoca a Academia a repensar-se. Um texto para além da minha tendência a pareceres descritivos e milimetricamente analíticos. Sei que pra ti não preciso pedir licença, porque não é a primeira vez que inspiras em mim este reencantamento que liga arte, espiritualidade, academia e nos provoca à reinvenção.

Mas desta vez tem algo novo. Tem um “si autêntico” acadêmico e teórico que eu ainda não conhecia e que me apresenta a ideias novas e sedutoras, como as “ficções do eu”, e a reflexões marcadamente autorais: “As memórias relatadas em forma de texto constituem o sujeito que narra”. E teu texto acadêmico também se manifesta em memórias que visivelmente te reinventam, pois sentimos que as palavras se movimentam orquestralmente para nos fazer perceber que tua pesquisa foi e ainda é, porque está na tua vida. Então chegou mais gente: Carlos, Woodward, Silva, Hall (?). Na tua análise, de novo uma mesma necessidade de **te ver falar mais sobre educação não-formal**. Talvez se falasse antes... Aqui não precisasse saber mais. Ana Beatriz apareceu e a discussão de identidade me fez pensar em algo que ia esquecendo, afinal, como tu entendes diversidade cultural? Como tu entendes cultura? Qual a relação da diversidade cultural com o conceito de identidade? Chegou Lucas. A interpretação ensaística das narrativas não deixa de ser crítica e desafiadora: “É sempre complicado falar de questões místicas dentro da academia. Pode soar insano. Mas este trabalho também busca quebrar com a ideia de normalidade, de cientificidade extrema”. Amei. Bakthin, Bauman, Lorena e as bruxas, que podem estar à margem, mas estão sim já na Academia... E eu de novo me pergunto sobre a relação entre identidade e diversidade a partir desta tua discussão na página 25... Não, não precisa ir lá... Depois voltaremos a isto.

Daí veio Theodoro, na memória Manuel Bandeira... E justamente é Theo que aciona em ti a discussão sobre rememoração e exclusão pela “anormalidade” constituída por patologias muitas vezes “invisíveis”. E a riqueza emergente no espaço de educação não-formal é conduzida mais uma vez por uma escrita que vem de dentro e teoriza sem parecer que está teorizando. Um texto que nos faz pensar que está tudo tão no lugar, como se as palavras pousassem na folha pela força mas também delicadeza do vento.

E a Giu falou de si. Na verdade, falou de si pra se colocar no lugar do outro, num movimento de empatia que a faz revelar-se: “Se me pedissem um texto autobiográfico talvez eu fugisse e dissesse que sou eu quem faz as perguntas, como

em qualquer entrevista em que a fonte quer questionar o repórter”. Mas é isso o que ela não faz. E mostra pra nós seu “eu singular”. A educadora também se mostra <3

E me pego lendo e relendo a tua monografia mesmo de madrugada. Mas que texto é esse que me faz me sentir feliz com poucas horas de sono? Acho que experimento um pouco do que se construiu nesse espaço educacional, no desejo de conhecer e sentir. “Eu já escrevi o texto sobre o eu singular, agora falta o eu plural. Mas o que seria, exatamente? – perguntou Theodoro” e nos contou Giuliana. Giuliana que convida para o diálogo autores e atores sociais e que revoluciona na des-hierarquização dos discursos. Ana Beatriz afirma e Bakhtin fala, ambos pelo tom direto e criativo da jornalista, educadora, hoje especialista, que por sua vez foi enredada pela prosa poética que germinou em Lucas. E tem Lázaro Ramos e Eliane Brum. Uma revolução discreta.

E veio a diversidade cultural finalmente. Mas será que não poderia vir uma parte um pouco antes? Ou mesmo um rodapé explicando o que é diversidade a primeira vez em que ela é mencionada na análise do singular plural? Ainda sinto aqui nesta parte uma dificuldade de perceber a relação entre os conceitos de diversidade cultural e identidade... **Quer me contar mais sobre isso?**

Preciso ainda dizer que Theodoro também me doeu. E fiquei pensando sobre o que falas que *podemos* fazer enquanto educadoras. A modalização em *podemos* me causa um alívio grande, porque não há no teu texto uma imposição para o que *devemos* fazer, como geralmente se lê em textos sobre ensino. Sim, podemos! E tu mostras como realmente podemos. Ou talvez alguns achem que não possam. É preciso uma estrutura emocional forte pra ler e não se afetar mais do que se deve por essas narrativas... Será que temos mesmo esse limite? Eu já me vi em situações que me desafiaram mais do que pude suportar. Nessas horas até pensei: nunca mais vou fazer um projeto assim... Mas depois vi que não poderia evitar, não poderia *me* evitar. **Como te sentes em relação a esses limites, ou será que eles são meus?** É preciso coragem mas também uma clareza metodológica forte pra conseguir sensibilizar-se pelo-com o outro sem trabalhar com os “traumas”...

E chegamos ao fim. Um trajeto de surpresas em toda a vivência que relatas pra nós, inclusive nos textos dos apêndices. Agora não modalizas mais e com razão dizes: “é preciso sensibilização”; “é preciso ir além do currículo e da sala de aula”. Daí me pergunto, será? Claro que estás falando metaforicamente, porque não precisamos deixar o espaço da sala. **Mas o que é currículo? Estás falando mais**

do ponto de vista da educação não-formal? Acho que preciso ainda te ouvir mais sobre este tipo de educação, seus efeitos e possibilidades na relação com a educação formal.

E o texto termina. Termina mesmo? Vejo que o texto está em ti te constitui educadora. É lá no último parágrafo que Carlos, Ana, Lorena, Theodoro e Lucas são assumidos teus alunos e alunas. Eles certamente gostariam muito também de te ler... E lá onde quase termina o texto é que vais reafirmar a tua grande descoberta metodológica: estamos educando o olhar. Eu agradeço por ler este lindo trabalho, que me inspira e que também me educa. Educar é sempre mesmo aprender. Agora quero te ouvir me ouvindo...

Bagé, 12 de julho de 2017,

Clara Dornelles